

REALIDADE BRASILEIRA

**Subsídios para compreender
e atuar no cenário político**



F U N D A Ç ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



SUMÁRIO

UM ESTÍMULO À FORMAÇÃO POLÍTICA	05
COP30 E DESENVOLVIMENTO INCLUSIVO	07
Esther Bermerguy	09
Mercedes Bustamante	14
Jorge Viana	18
Perguntas e respostas	23
A CONSTRUÇÃO EXITOSA DO MORENA, NO MÉXICO, E DA FRENTE AMPLA, NO URUGUAI	29
Gleisi Hoffmann	30
Carolina Rangel	32
Fernando Pereira	37
Perguntas e respostas	41



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



EXPEDIENTE

Realidade Brasileira: subsídios para compreender e atuar no cenário político

Maio de 2025

Publicação especial a partir das apresentações dos convidados e convidadas dos debates sobre 45 anos do PT e o futuro.

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidente: Brenno Cesar Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naíara Torres

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Pedro Silva Barros, Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

Edição e revisão: Equipe da Fundação Perseu Abramo

Diagramação e projeto gráfico: Camila Roma

Fotos: Sérgio Silva (FPA) e EBC Fotos

CONTATOS

imprensa@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234

Vila Mariana - São Paulo (SP) – CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299

A opinião dos expositores não reflete necessariamente a da Fundação Perseu Abramo ou do Partido dos Trabalhadores



UM ESTÍMULO À FORMAÇÃO POLÍTICA

Este caderno de subsídios tem como propósito sistematizar os debates do seminário sobre realidades brasileiras promovido pela Fundação Perseu Abramo por ocasião dos 45 anos do nosso partido. Iniciativas como essa buscam municiar a militância e a direção do Partido dos Trabalhadores argumentos e informações fundamentais para seguirmos firmes na tarefa de transformar a vida do povo brasileiro.

Nesta edição, abordamos dois temas estratégicos: a realização da COP30 na Amazônia e a construção de um modelo de desenvolvimento inclusivo; além disso, destacamos as experiências bem-sucedidas da Frente Ampla, do Uruguai, e do Morena, partido que governa o México.

Contamos com a contribuição de especialistas e lideranças do Brasil e de países irmãos do nosso continente: Esther Bemeruguy, economista pela Universidade Federal do Pará; Mercedes Bustamante, bióloga e professora associada da Universidade de Brasília e também foi presidenta da Coordenação do Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior da Capes; e Jorge Vianna, presidente da Agência Brasileira de Promoção

de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), ex-senador e ex-governador do Acre e profundo conhecedor da Amazônia. Também dialogaram conosco Gleisi Hoffmann, então presidenta do PT; Carolina Rangel, secretária-geral do Morena (México) e Fernando Pereira, presidente da Frente Ampla do Uruguai.

A COP30 é mais do que um evento internacional. É uma oportunidade histórica de mostrar ao mundo que é possível preservar e, ao mesmo tempo, garantir dignidade para os 30 milhões de brasileiros que vivem na Amazônia. Como afirmou Mercedes Bustamante, enfrentamos uma emergência climática “sem precedentes nos últimos 800 mil anos”. Isso não é teoria, é realidade concreta que afeta a vida do povo, com epidemias, inundações, mortes por calor e o avanço de doenças.

Essa realidade exige um projeto de desenvolvimento que inclua o povo da região. Como lembrou Esther Bemeruguy, as cidades amazônicas concentram algumas das maiores proporções de população vivendo em favelas: 35% em Manaus, 25% no Amapá e 19% no Pará. Preservar a floresta, portanto, precisa andar junto com gerar empregos, renda e qualidade de vida.

Outro ponto de debate foi a exploração de petróleo na Margem Equatorial. Jorge Viana foi direto ao ponto ao lembrar que “a Noruega, que doa bilhões ao nosso Fundo Amazônia, já está explorando petróleo a cinquenta

quilômetros da área em que pretendemos atuar”. A soberania e o protagonismo nacional são temas que não podemos deixar de lado. A Petrobras tem competência técnica reconhecida internacionalmente e já provou que é capaz de explorar de forma segura e responsável, como demonstrado na parceria com a Ecopetrol na Colômbia.

Construir alternativas exige unidade e articulação continental. A América Latina tem desafios comuns - inclusive o fato de que a nossa região se aquece mais rápido do que outras partes do planeta. Por isso, a presença de Fernando Pereira e Carolina Rangel foi tão importante. Suas falas evidenciam que compartilhamos causas e caminhos.

Carolina apresentou a bonita história do Morena como um “partido-movimento”, um instrumento eleitoral e, ao mesmo tempo, uma força viva nas lutas sociais. “Vamos cuidar do bem de todos, mas primeiro dos pobres”, disse ela, ecoando uma das premissas mais caras de seu partido. Já Fernando Pereira lembrou que, após uma derrota eleitoral, a Frente Ampla entendeu que havia se

afastado do povo. Reaproximou-se com um amplo processo de escuta e reconexão com os movimentos sociais, com os sindicatos, com a base.

Esse é também um chamado ao PT. Como apontou Gleisi Hoffmann, o partido já mostrou que sabe inovar, resistir e liderar. Fomos pioneiros com o Processo de Eleições Diretas (PED), somos o único partido que elege seus dirigentes com voto direto nas três instâncias. Mas nosso maior desafio segue sendo dar vida ao PT na base, no cotidiano, nas lutas reais do povo.

Esse caderno é um convite à ação. Um estímulo à formação política. Uma ferramenta para aprofundar a elaboração coletiva e fortalecer a unidade de ação. Estudar, debater e agir - esse é o caminho para seguirmos construindo um Brasil mais justo, desenvolvido e igualitário.

Embora este texto já antecipe alguns dos conteúdos que virão a seguir, espero que sirva como inspiração e guia para a sua militância e para a nossa construção coletiva.

Um forte abraço,



Paulo Tarciso Okamoto

Presidente da Fundação Perseu Abramo

A large, stylized fingerprint graphic in shades of orange and yellow, with a single star in the top right corner. The fingerprint lines are curved and flow across the page.

COP30 E O DESENVOLVIMENTO INCLUSIVO



Foto: Sérgio Silva

APRESENTAÇÃO

Nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2025, o PT e a Fundação Perseu Abramo realizaram grandes atividades em comemoração aos 45 anos de existência e luta do partido. As festividades ocorreram no Rio de Janeiro, com intenso calor e necessário debate sobre a crise climática.

Com coordenação da vereadora Tainá de Paula, do PT-RJ, a mesa que debateu COP30 e o desenvolvimento inclusivo teve a participação de Esther Bemerguy, economista pela Universidade Federal do Pará. Foi secretária de Finanças, de Planejamento e de Saúde na Prefeitura Municipal de Belém, entre 1997 e 2003; secretária do “Conselhão” (Conselho de

Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República entre 2004 e 2011) e secretária de Planejamento e Investimentos Estratégicos do Ministério do Planejamento (2012-2014), Mercedes Bustamante, professora associada da Universidade de Brasília, bióloga, foi presidenta da Coordenação do Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior da Capes e é membro-titular da Academia Brasileira (ABC), e Jorge Viana, gestor público, presidente da ApexBrasil, Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, ex-senador e ex-governador do Acre.

Provocados pela coordenadora, Esther,

Mercedes e Jorge abordaram a construção do caminho rumo à COP30, qual é o papel do PT, que consolidou as políticas públicas deste país, a democracia brasileira, as políticas ambientais brasileiras, qual é o papel de um partido que governou e

conduziu por mais tempo as políticas públicas, ambientais inclusive, ao longo do século 20 e do século 21.

A seguir, publicamos a edição das apresentações dos convidados sobre COP30.

ESTHER BEMERGUY¹

“Deveríamos colocar nesse novo governo a Amazônia como prioridade do Projeto Nacional de Desenvolvimento. Isso significa que estaríamos ativando 70% do nosso território”

Vou falar sobre a Amazônia, falar de um território fundamental para que essas ondas de calor, essas enchentes, esses eventos extremos não aconteçam como a gente está vendo em todo Brasil.

A preservação da Amazônia é fundamental para termos uma forma de enfrentar as mudanças climáticas e de contribuir para nossa adaptação e mitigação nessa questão.

Que Amazônia é essa onde vamos realizar, por decisão do presidente Lula, a COP30? Ela é pensada, no Brasil inteiro, muitas vezes, de forma idílica, sem que se tenha noção dos problemas que acontecem ali. Na maioria das cidades amazônicas, se pensarmos em termos de emprego, inclusive nas capitais, há mais pessoas recebendo Bolsa Família do que empregadas com carteira assinada. Essa é a realidade da Amazônia e também da maioria das capitais do Nordeste, mais ainda no interior.



Foto: Sérgio Silva

A primeira cidade onde há mais pessoas, em proporção, vivendo em favelas no Brasil, é Manaus, com 35% da população vivendo em favelas. Em segundo lugar, está o Amapá, com 25% da população. O terceiro é o Pará, com 19%.

Vivem abaixo da linha da pobreza 42% dos amazônidas e 40% da população não têm acesso à água, o que é um paradoxo. Temos os principais rios de água doce do mundo e não temos acesso à água. O Nordeste também tem um perfil muito similar a esse que apontei. O Norte e o Nordeste significam, juntos, 70% do território nacional. Isso significa que estamos jogando fora as oportunidades presentes em 70% do nosso território. Esses problemas precisam ser enfrentados porque essas regiões representam grandes oportunidades para o Brasil.

1. Economista pela Universidade Federal do Pará. Foi secretária de Finanças, de Planejamento e de Saúde na Prefeitura Municipal de Belém, entre 1997 e 2003; secretária do “Conselhão” (Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República entre 2004 e 2011) e secretária de Planejamento e Investimentos Estratégicos do Ministério do Planejamento (2012-2014),

A violência é outra questão. Vocês já devem ter ouvido falar da violência na Amazônia, que tem ganhado as manchetes de jornais. Temos um processo em que as médias locais são muito maiores do que no Brasil. E a base disso, infelizmente, é o tipo de atividade econômica que privilegiamos na região. A violência segue o curso do agronegócio, da mineração, da pecuária.

Essas atividades econômicas, que hoje são preponderantes na Amazônia, levam a violência ao território pela grilagem e pela exclusão. Temos uma ausência significativa do Estado na Amazônia, que torna mais difícil o enfrentamento dessa violência. Desde os dois primeiros mandatos do presidente Lula, o da presidenta Dilma, e o atual

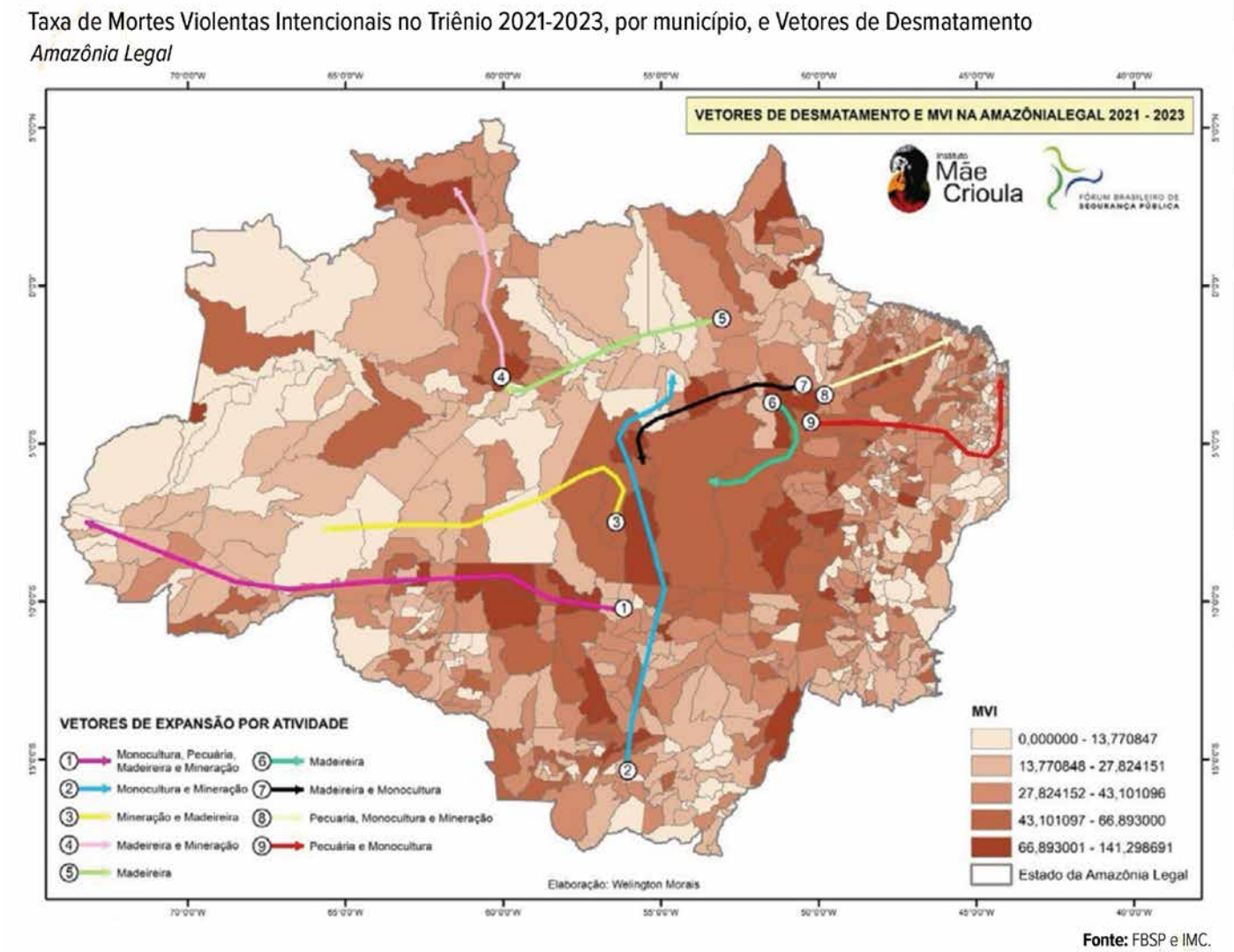


Tabela 1 Mortes Violentas Intencionais na Amazônia Legal ⁽¹⁾
Brasil e Unidades da Federação da Amazônia Legal – 2021-2023

Brasil e estados da Amazônia Legal	Mortes Violentas Intencionais - MVI								
	Ns. Absolutos			Taxa ⁽²⁾			Variação (%)		
	2021	2022	2023	2021	2022	2023	2021/2022	2022/2023	2021/2023
Brasil	48.288	47.963	46.328	23,9	23,6	22,8	-1,2	-3,4	-4,6
Amazônia Legal	9.096	9.066	8.603	34,4	34,0	32,3	-1,1	-5,1	-6,2

governo temos trabalhado em duas linhas. Não posso dizer que não temos reforçado essa matriz econômica causadora de tantos problemas, mas inauguramos também uma outra matriz na Amazônia, e é essa que devemos fortalecer. Inauguramos as políticas ambientais, temos como exemplo o Plano Amazônia Sustentável, o Plano de Ação e Prevenção do Controle do Desmatamento, que é tão importante que, agora que voltamos a governar, já permitiu reduzir de novo o desmatamento.

CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

Temos o Plano de Desenvolvimento da BR 163 (Cuiabá-Santarém). Se não tivesse acontecido o Plano de Desenvolvimento da rodovia BR 163 nos nossos governos, que implantou uma série de Flonas (Florestas Nacionais), de unidades de conservação, teríamos hoje uma situação muito pior da que temos ao longo da BR 163. Uma situação de desmatamento muito grande, mas o pior foi evitado por causa dessas unidades que fizemos à margem da rodovia e que causam certa contenção no desmatamento e à invasão dessas áreas. Fizemos o Plano de Desenvolvimento do Xingu, que é outro exemplo de como a gente pode atuar na região.

Fizemos a interiorização do Ensino Superior na Amazônia e são hoje mais de 34 universidades, instituições de ensino superior, com mais de 300 campi em 166 municípios. Isso foi um ganho do nosso governo. Fizemos a demarcação de terras indígenas e quilombolas, a moratória da soja, a Bolsa Verde, o Pronaf da agricultura familiar e o Fundo da Amazônia.

E isso significa a imediata demarcação de terras indígenas, quilombolas e territórios tradicionais da Amazônia, a contenção da

invasão econômica com atividades degradantes, a proteção e recomposição das Unidades de Conservação, porque muitas, ao longo do governo Bolsonaro, foram destruídas. Perdemos muitas dessas unidades. Precisamos recompor e criar novas unidades, apoiar a produção e o bem viver dentro dos territórios coletivos.

A Amazônia tem muitos territórios coletivos, de povos indígenas, quilombolas, reservas extrativistas, uma série de territórios que são coletivos. Ainda há muito preconceito para o financiamento de atividades econômicas nesses territórios. Temos que acabar com esses preconceitos, colocar recursos, fortalecer e incentivar a produção camponesa e a agricultura familiar, restaurar urgentemente as áreas desmatadas, fortalecer as universidades e as instituições científicas e tecnológicas.

É preciso muita ciência para fazer um desenvolvimento sustentável, diferenciado na região, uma nova matriz de conhecimento, que articule o conhecimento científico com o tradicional. Porque quem sabe o que tem na região são os povos indígenas e tradicionais, que estão lá há mais de oito mil anos.



Construções precárias em Manaus (AM). Foto: Zemlink! / Wikimedia



Apresentação de dança típica do Povo Rikbaktsa na aldeia Beira Rio, Terra Indígena Erikpatsa. Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

TRÊS PROJETOS PARA A AMAZÔNIA

Arranjos Territoriais de Conhecimento: está em discussão no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, já aprovamos. Precisamos de ação do governo para implementar. Esses Arranjos Territoriais de Conhecimento teriam como base os 34 institutos de ensino superior e universidades com 300 campi espalhados pela Amazônia. Uma articulação desse conhecimento com os territórios, com os indígenas, com os quilombolas, com as iniciativas de pequenas empresas que existem aos milhares na região, para aportar conhecimento a esses empreendimentos.

Quando o presidente Lula ampliou o ensino superior na Amazônia, ele achava que

teria como resposta o desenvolvimento. Essa seria a resposta natural. Mas isso não vem assim, sem uma intervenção do Estado. Formamos no período muitos mestres e doutores que estão saindo da região porque não encontram oportunidades. Precisamos que esses egressos das universidades fiquem na região. Esses Arranjos Territoriais de Conhecimento também teriam como objetivo fixar as pessoas no território.

Industrialização da Amazônia como empreendimento estatal: Falamos muito de biodiversidade e sociobiodiversidade da Amazônia porque são as populações da Amazônia que sabem o que existe de riqueza na floresta. Mas é necessário fazer um grande empreendimento para tirar isso do papel.

Nossa proposta é que se faça uma empresa como a Petrobras. A grande questão que temos para desenvolver na Amazônia é a sociobiodiversidade. Mas isso requer uma grande empresa e muitos recursos. Precisamos de uma Petrobras da biodiversidade e poderíamos ativar e extrapolar dessa empresa uma cadeia produtiva muito grande dentro da própria Amazônia para articular esses empreendimentos, essa produção que está sendo feita dentro dos territórios coletivos.

AMAZÔNIA INDUSTRIAL

Se a gente colocar uma empresa de química fina na Amazônia, pode aproveitar, por exemplo, uma substância que vem do uxi amarelo. O uxi amarelo tem uma substância, a bergenina. Sabe quanto o quilo dessa substância vale no mercado internacional? R\$ 95.000,00! Temos muitas dessas substâncias que já foram identificadas pela ciência da Amazônia. Isso significa, como dizia o professor Ennio Candotti, apenas 10% do que se conhece da Amazônia.

Financiamento da produção nos assentamentos da Reforma Agrária. Gostaria de chamar a atenção para o impacto que vai ter na COP, já que estamos falando de especulação imobiliária. A cidade de Belém já está tomada pelas pessoas que vão participar da COP, pelas empresas, movimentos sociais. Os aluguéis estão impossíveis. Mas tem uma questão que vai acontecer. Se temos hoje um problema de inflação nos alimentos, imaginem o que vai acontecer em Belém, que já é uma das cidades mais caras do país, com o aumento da demanda por alimentos.

Temos de tomar uma atitude agora, imediata. Temos na Amazônia assentamentos de Reforma Agrária que, em conjunto, são maiores do que todos os demais no país.

São mais de 75 mil famílias que sabem produzir, que estão aguardando apenas uma oportunidade. Precisamos dar recursos para o financiamento dessa população, mas recursos a fundo perdido. Não é financiamento bancário.

Essa população não tem condição de enfrentar as dificuldades que um banco coloca para ela. Já foram feitas várias tentativas. A nossa proposta é um cartão, uma bolsa mesmo, para produção. E que seja imediata para que se consiga, até novembro, uma produção maior dentro da Amazônia, beneficiando esses assentados e a população da região. Porque em novembro quem não vai comer é o povo. As pessoas que estão vindo para a COP têm recursos suficientes para pagar qualquer preço da alimentação.



Foto: Alberto César Araújo/Amazônia Real

“As várias crises que hoje afetam a Amazônia serão agravadas pela mudança climática”

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que um dos fenômenos que estamos vivendo dentro das mudanças climáticas está associado ao aumento da concentração de gás carbônico na atmosfera. A concentração que temos hoje na atmosfera é sem igual nos últimos 800 mil anos de história da Terra. Significa que estamos vivendo uma situação sem precedentes para a humanidade. Esse é o primeiro desafio.

Já temos uma série de consequências que se fazem sentir. O aumento da temperatura global está associado ao aumento da temperatura dos oceanos, à redução das camadas de neve e gelo. Isso é muito importante para grande parte da população brasileira que vive nas zonas litorâneas. Elas serão afetadas pelo aumento do nível do mar. Na área costeira vivem 70% da nossa população. E temos também um aumento dos eventos extremos. Outro aspecto importante para destacar é essa intensidade dos eventos extremos, que chamamos de pontos de inflexão.

Às vezes, uma pequena diferença já é suficiente para gerar um grande impacto. Um dos locais do Brasil que corre o risco de ser um ponto dessa inflexão é precisamente a Floresta Amazônica. A ciência nos diz que os riscos são maiores, mais severos e estão avançando muito mais rapidamente do que se esperava.

Outro ponto importante é com relação a tudo aquilo que os países já prometeram. Colocaram na mesa de promessas, dentro



Foto: Sérgio Silva

do Acordo de Paris, que vai ser discutido na COP30, compromisso de segurar a elevação da temperatura em 1,5° C. Se os países cumprirem tudo o que estão prometendo, vamos encostar em 2,7° ou 3° C nas próximas décadas. É bom lembrar que 2024 já foi o ano mais quente do histórico de temperatura. Foi o primeiro ano em que já batemos 1,6° C de elevação da temperatura, ainda que seja temporariamente. Mostrando que esse aumento ocorre muito mais rápido do que o previsto.

DIMINUIR A TEMPERATURA

A meta de 1,5° C é importante e por isso a COP30 precisa implementar soluções que nos coloquem de volta na rota dessa meta. Qualquer incremento de temperatura acima de 1,5° C vai amplificar esses impactos que já sentimos hoje.

Outro fator importante: quando a temperatura do planeta vai aumentando acima de 1,5° C, cresce a probabilidade do que chamamos de riscos compostos. Começamos a ter riscos que são mais complexos, múltiplos e mais difíceis de gerenciar.

Torna o trabalho das políticas públicas ainda

2. Professora associada da Universidade de Brasília, bióloga, foi presidenta da Coordenação do Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior da Capes e é membro-titular da Academia Brasileira (ABC)



mais difícil. Se queremos uma ação climática bem-sucedida, ela tem de ser múltipla e olhar para todos os setores da sociedade e da economia. Precisamos de uma governança climática que seja inclusiva e de aumento no financiamento climático.

O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), que é o painel de cientistas sobre as mudanças climáticas, indicou que precisamos aumentar em seis vezes os recursos hoje destinados ao financiamento da ação climática. Há um problema de financiamento, que também precisa ser negociado. Não se trata só de mitigação, de reduzir as emissões de gases de efeito estufa, de aumentar o sequestro de carbono, mas trabalhar muito naquilo que chamamos de adaptação. Cada tonelada de carbono importa e cabe reduzir as emissões. Ainda que pareçam esforços mínimos, eles são importantes. Cada investimento na construção de resiliência vai ser cada vez mais essencial. Se não tivermos uma ação climática ambiciosa, o desenvolvimento sustentável não será alcançado. A ação climática é uma condição para o desenvolvimento sustentável e a mudança climática é amplificadora de outras crises.

As pessoas, os grupos sociais que vão ser

mais afetados, que já estão sendo mais afetados pela mudança climática, são aqueles que menos contribuíram para a emissão de gases que geram a mudança climática.

Quem mais vai sentir o impacto da mudança climática são as gerações que ainda estão por vir e que

também não contribuíram para chegar nessa situação. É muito importante que a gente olhe essa injustiça, porque estamos reduzindo as oportunidades de grupos que são vulneráveis e das gerações que ainda estão por vir.

CALOR E SAÚDE

A nossa região, nosso continente, já se aquece a uma taxa maior que as outras partes do globo terrestre. Estamos numa rota de aquecimento mais rápido, somos muito mais dependentes de recursos naturais e temos ainda vulnerabilidades históricas para resolver.

Para o Brasil, há alguns setores-chave que precisamos considerar na construção das soluções. Somos ainda um país muito dependente economicamente da agricultura, que é a atividade mais dependente dos recursos naturais. Você precisa de chuva na quantidade certa, na hora certa, para plantar, colher, ter a sua produção.

Outro aspecto importante é a saúde. Já estamos numa faixa tropical. O aumento da temperatura exacerba problemas de saúde, porque ele vai mudar a geografia das doenças. Olhem as epidemias de dengue

que tivemos recentemente. As pessoas morrem de calor. Temos um limiar de resistência ao aumento da temperatura e temos ainda doenças que são transmitidas pela água no caso das inundações.

Outro aspecto importante é a nossa matriz energética. A produção de eletricidade, no Brasil, ainda é muito dependente da hidroeletricidade. A mudança climática vai alterar também o padrão de distribuição e produção de chuvas. Isso torna a insegurança energética mais crítica ainda.

A questão das áreas urbanas é importante também. Temos uma crise na floresta, no campo. Mas 70% da população brasileira vivem em áreas urbanas ou periurbanas. Como a população urbana vai lidar com o aumento da temperatura e a mudança no

padrão de precipitações?

Temos uma diversidade de ecossistemas, de espécies, somos o país com a maior diversidade biológica do mundo. Isso nos coloca uma responsabilidade de entender e proteger também essa biodiversidade, que nos presta uma série de serviços ecossistêmicos.

Parte da construção das políticas de resiliência se refere à segurança alimentar e nutricional da população. Percebemos o impacto da inflação de alimentos sobre a população mais vulnerável. A mudança climática impacta a segurança alimentar de várias formas. Reduz a produção, dificulta o acesso a essa produção quando interrompe estradas, como no caso das inundações do Rio Grande do Sul; reduz a qualidade nutricional dos alimentos; o aumento

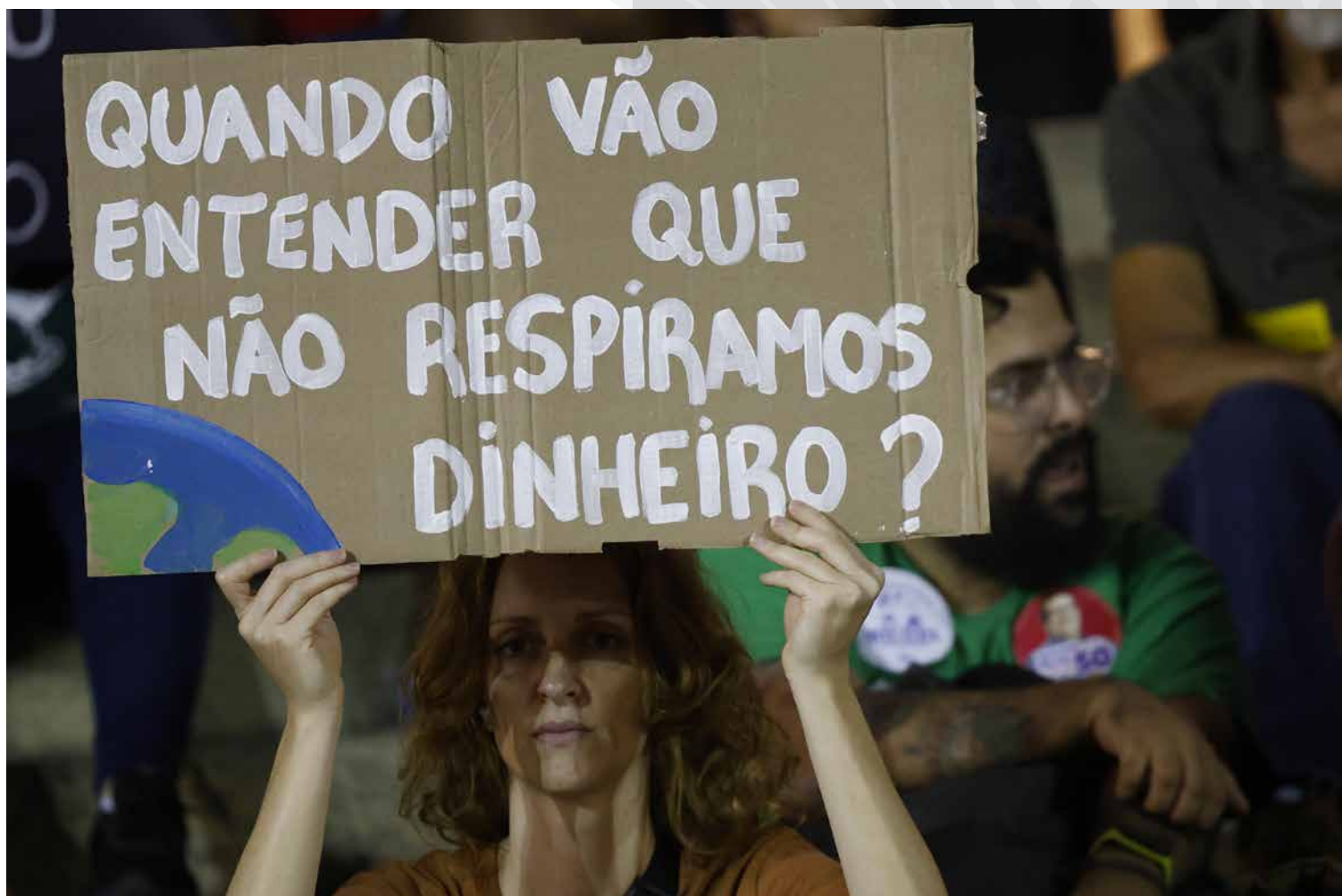


Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

da temperatura reduz a quantidade de nutrientes desses alimentos. Também promove aumento de preços, gerando processo inflacionário.

Os grupos de trabalhadores que serão mais vulneráveis, na saúde, às mudanças climáticas, são os que exercem suas funções ao ar livre. Estamos falando de novo da agricultura, mas também da população urbana, em particular, da população urbana em situação de precariedade que exerce suas atividades ao ar livre.

Por fim, o Brasil precisa pensar em um processo de desenvolvimento que seja resiliente ao clima. Temos duas vertentes para trabalhar. O que chamamos de mitigação, o que fazer para reduzir as emissões: limpar a matriz energética, fazer a transição energética necessária, acabar com o desmatamento. Não apenas reduzir o desmatamento, mas acabar com o desmatamento em todos os biomas brasileiros. Ao mesmo tempo, trabalhar as questões de adaptação.

Quando falamos em redução das emissões, aumento do sequestro de carbono, esse é um benefício global. O mundo inteiro é beneficiado se fizermos esse trabalho. Mas a ação de adaptação é claramente uma ação local. A ação de adaptação precisa considerar os contextos, as peculiaridades e as diferenças entre os vários grupos sociais e

as distintas regiões do Brasil.

A boa notícia é que a ciência nos diz que já temos boas opções disponíveis. Com as tecnologias disponíveis, conseguiríamos reduzir globalmente as emissões pela metade até 2030. Mais do que um problema tecnológico, a mudança climática é um desafio político e um problema de financiamento.

Destaco a questão do financiamento porque nas negociações do clima, há trinta anos, apareceu o que chamamos de “perdas e danos”, mas só conseguiu entrar nas negociações recentemente porque quando falamos em perdas e danos, no Direito, isso significa uma compensação. Se a questão não é tecnológica, se a tecnologia existe, se a questão é política e financeira, quem vai pagar a conta?

Essa é uma grande discussão, um aspecto importante para o Brasil olhar e pensar. Hoje, temos uma situação mais vulnerável, de mais risco, que pode representar uma oportunidade para o Brasil sair de um modelo de desenvolvimento excludente, que está prescrevendo, baseado na exploração infinita de recursos que são finitos.

Trata-se de conduzir esse processo de transformação ecológica da economia brasileira de modo que reduza a vulnerabilidade dos processos de exclusão e lide com as injustiças climáticas.

“A Conferência das Partes levou os países do mundo à conclusão de que precisavam ter uma ação coordenada entre todos para enfrentar algo que ninguém sabia direito, que podia ser aquecimento global ou coisa parecida”

Minha história se confunde com a do PT nesses 45 anos e, modestamente, a história do PT também é parte da minha história, e foi graças a essa orientação política que consegui ocupar todos esses cargos e dar minha contribuição.

O privilégio meu, mesmo, foi ter vivido num tempo em que tínhamos mestres insubstituíveis: Aziz Ab'Saber, que merece uma salva de palmas, quando a gente fala de Amazônia e do PT; Perseu Abramo; Chico Mendes, um dos fundadores do PT, de quem era companheiro e com quem eu trabalhava. Não tem como sair tão ruim, convivendo com gente como essa, que estava muito além do seu tempo.

HISTÓRICO DAS COPs

Quero abordar de onde viemos, onde estamos e para onde podemos ir. Ninguém falava de meio ambiente, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade até a década de 1970, quando teve a conferência em Estocolmo? Falava, sim. Aqui, o Imperador resolveu pegar a área desmatada do Rio de Janeiro e transformar numa das mais interessantes florestas do mundo, alguns séculos atrás. Aqui também, um ministro da Agricultura resolveu criar o Código Florestal, em 1930. Era ministro da Agricultura, não do Meio Ambiente, mas viu que a agricultura estava perdendo água, tendo



Foto: Sérgio Silva

problema de seguir produzindo, sem ter o meio ambiente como aliado.

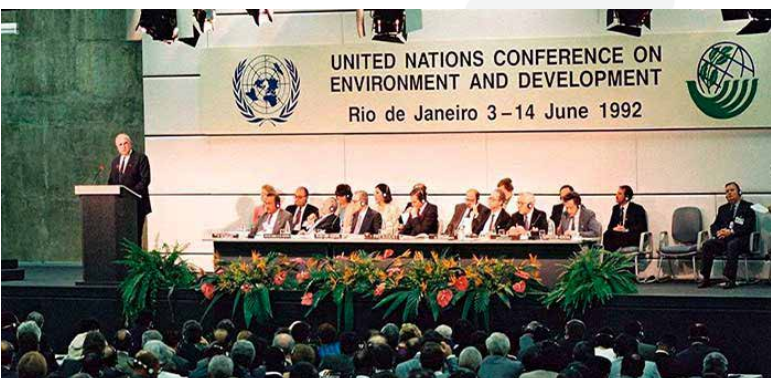
Pulando para os anos 1970, de onde vieram as COPs? Estamos na COP 30. Em 1992, houve uma conferência exatamente aqui no Rio de Janeiro. Eu estava aqui, me preparando para ser candidato a prefeito de Rio Branco, o presidente tinha me orientado e me colocou para fazer alguns cursos.

A Conferência das Partes - ainda não se falava COP - (Fidel Castro estava aqui, era governo Collor, mas o tema era universal) levou os países do mundo à conclusão de que precisavam ter uma ação coordenada entre todos para enfrentar algo que ninguém sabia direito, que podia ser aquecimento global ou coisa parecida.

Em 1994, resolveram criar a COP e em 1995 aconteceu a primeira COP na Alemanha. De lá para cá, foram muitas. Quando chegou na COP15, em Paris, aprovaram um acordo de redução dos gases de efeito estufa, todos os países juntos.

Por esse acordo, os países ricos bancariam cem bilhões de dólares para os países em desenvolvimento. Porque todas as grandes emissões são de responsabilidade dos

3. Gestor público, presidente da ApexBrasil, Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, ex-senador e ex-governador do Acre



Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92). Foto: Wikimedia

países ricos, que se desenvolveram, mas às custas de sacrifício social e ambiental no mundo inteiro. A COP30 é a COP da inclusão, ou da oportunidade, do desenvolvimento sustentável, da consolidação de um modelo novo. Mas ela está muito ligada a financiamento.

O acordo feito em Baku (COP29) era que os países ricos, agora, dariam trezentos bilhões de dólares por ano até 2030 para que os países em desenvolvimento pudessem alcançar um ambiente social melhor e de inclusão. Esse dinheiro é pouco. Mas o pior é que, além de ser pouco, esse dinheiro não acontece, e isso é muito grave.

O que essa agenda tem a ver com o PT? Tem tudo a ver. Lembro quando o Chico Mendes procurou Lula para se filiar ao PT. Lula era presidente do sindicato, ficou com medo que fosse alguém que vinha do Acre, da Amazônia, querendo entrar no PT. Poderia ser alguma armação dos militares. Mandou o Chico Mendes ir para um boteco famoso que tem lá perto do sindicato: “me espera lá”, “manda esse cara me esperar lá”. Quando chegou lá, era o Chico Mendes pedindo umas fichinhas de filiação para ajudar a fundar o PT.

Olha só a história do PT. Chico Mendes fundou o PT lá no meu estado. Trabalhei com

ele depois que me formei. Pena que foram os últimos cinco anos da vida dele. Mas o Chico Mendes fez uma coisa muito rica dentro do PT, dentro dos sindicatos. Quando tinha reunião da CUT, do PT, lá atrás, Chico Mendes vinha com uma pauta de um negócio chamado meio ambiente, de defender povos da floresta, os povos indígenas, os extrativistas, na hora que a gente estava lutando contra o regime militar, lutando por democracia. Na hora que estávamos lutando por trabalho, pão e liberdade.

Parecia uma coisa descolada, mas não era. Chico Mendes estava à nossa frente, porque ele estava pensando na luta grande do planeta. Hoje, quem está ameaçado no planeta é a vida humana. Aliás, todas as vidas estão ameaçadas. A agenda é atual, mas naquela época só no PT tinha espaço para debater isso. Depois surgiu o PV, mas o Chico Mendes era do PT, e seguimos. Então, o PT está na origem dessa agenda, que o mundo hoje tenta implementar. Foi o nosso partido, graças ao movimento que Chico Mendes criou, desenvolveu e trabalhou.

Chico Mendes era acusado de ser contra o progresso. O PT, quando chega ao governo, também é acusado de atrapalhar o desenvolvimento. Mas vamos pegar o histórico, falando desse passado. Quando o Lula chegou ao governo, o desmatamento da Amazônia tinha alcançado 27 mil Km². O nosso desafio não era fazer novas coisas. Era acabar com o crescimento do desmatamento, de destruição que a gente vivia. Isso dá trabalho, demanda política de comando e controle, precisa ir lá proibir pessoas de destruir e reduzimos o desmatamento. Quando vieram os dois governos do presidente Lula e Dilma, com as ministras Marina e Izabella, fui relator do Código Florestal novo, em 2012, como senador.

Eu já tinha saído do governo do Acre. Já tínhamos colocado a economia sustentável através do Governo da Floresta, uma referência na Amazônia, com a melhoria de vida, com um ambiente sem destruição, funcionando economicamente. Fui relator do Código Florestal e fizemos um Código que foi defendido por todos.

Saímos do governo e aconteceu toda essa tragédia política que o Brasil viveu, num ambiente de intolerância e hostilidade. E o desmatamento, que já tinha caído para cinco mil km², voltou a subir para onze mil km² no governo Bolsonaro. O Brasil, que era referência para mostrar ao mundo que não era destruidor e grande emissor de gases de efeito estufa, voltou a ser. A imagem do Brasil derreteu, a pobreza e o abandono dos povos indígenas voltaram, e o desprezo pela Amazônia também. Esse é o ambiente do passado recente.

PADEMIA

Saímos de uma pandemia, gente! Pandemia é a maior tragédia da humanidade! Vivemos essa tragédia. Perdi minha mãe na pandemia. Todo mundo perdeu alguém, conhecido, amigo ou parente. E tínhamos um presidente que ria da falta de ar das pessoas, da morte das pessoas.

O mundo saiu mais hostil da pandemia, em vez de sair mais humano e mais unido. Lembram dos mortos nas ruas de Madri? De Milão, do Equador, de Nova Iorque, pessoas na rua? Nem isso nos uniu ou pacificou.

É nesse ambiente de hostilidade que entrou o governo Lula e é nele que vamos realizar a COP30. É nesse ambiente de hostilidade que o Brasil presidiu o G20, é presidente do BRICS e vai sediar a COP.

Tem saída? Acabei de vir da África. A primeira



Chico Mendes. Foto: Miranda Smith / Wikimedia

missão, este ano, da Apex, foi na África (Nigéria, Costa do Marfim, Gana e Senegal). O Brasil estava há sete anos ausente da África. Ausente do continente que deu origem a nós e à humanidade. Estava ausente, mas voltou.

A Costa do Marfim não é o país de origem da castanha de caju, mas é hoje o maior produtor do mundo. Levou do nosso Nordeste. A Costa do Marfim também não é a origem do cacau, mas é o maior produtor do mundo. Produz um milhão de toneladas; 50% do cacau produzido no mundo vem de lá. A árvore não é de lá, é da Amazônia, e eles plantam também muita seringueira e dendê, que também não são de lá.

Se um país africano pegou árvores da Amazônia e transformou em uma atividade econômica altamente rentável, por que não fazemos o mesmo? O que está acontecendo com a Amazônia? Vocês têm ideia de quantos produtos da Amazônia têm mercado? São mil produtos. O Brasil exportou ano passado, 377 bilhões de dólares. Da Amazônia, US\$ 27 bilhões e US\$ 28 bilhões do Nordeste.

Mas, na Amazônia, se tirar o Pará, com a Vale do Rio Doce, sabe quanto fica? Ficam sete bilhões de dólares. A região mais rica do planeta, com os estados, todo mundo junto, trinta milhões de pessoas, exportou sete bilhões de dólares desse total de US\$ 337 bilhões. Alguma coisa está muito errada. Os piores indicadores de desenvolvimento humano estão na Amazônia.



Preço do cacau subiu 190% em dois anos. Foto: Míriam Ramalho / Wikimedia

Vamos falar da Vale? A Vale exportou, durante 50 anos, minério de ferro para o Japão. O Japão virou a segunda economia do mundo. A Vale tem projetos lindos, sustentáveis, lá. Mas o que é que ficou mesmo para as trinta milhões de pessoas que vivem na Amazônia? A Vale está exportando minério de ferro, vinte bilhões de dólares por ano para a China, que é ao maior produtora de aço do mundo. Produz um bilhão de toneladas. O que está ficando para nós? Falei com o presidente da empresa: “Cara, setenta anos, e vamos seguir do mesmo jeito? Não dá para seguir esse caminho”.

Fizemos um estudo durante a pandemia e identificamos sessenta produtos compatíveis com a floresta na Amazônia. Esses sessenta produtos só podem ser produzidos em regiões tropicais daqui, na África e

na Ásia, Indonésia, onde tem aquela faixa verde do planeta. O mercado desses sessenta produtos – estou falando de café, de pimenta do reino, cacau – é um mercado de 298 bilhões de dólares. Esses países estão ganhando isso. Alguém está vendendo e alguém está comprando.

FLORESTA E ECONOMIA

Quanto é a participação do Brasil, que tem a maior floresta tropical do mundo? Trezentos milhões de dólares. Então, em 297 bilhões de dólares, participamos com US\$ 300 milhões apenas. O maior produtor do mundo de pimenta do reino é o Vietnã. Exporta seiscentos milhões de dólares. Nós exportamos cem [milhões de dólares]. Dos US\$ 300 milhões, cem [milhões de dólares] é de pimenta do reino. O maior exportador mundial de Castanha do Brasil (Castanha do Pará) é a Bolívia. Exporta 150 milhões de dólares. Nós exportamos dez [milhões de dólares]. Agora vai dar um pouco mais, estamos trabalhando, vai dar uns vinte [milhões de dólares]. O Brasil é responsável por 1,5% do comércio mundial. A Amazônia, nos produtos compatíveis com a floresta, quando comparo com outros países, a nossa participação é de apenas 0,17%. Se a nossa participação nos produtos que saem de florestas tropicais da Amazônia fosse igual à do Brasil, de 1,5%, todo ano circulariam na Amazônia, 2,3 bilhões de dólares.

Isso vai acontecer quando tivermos coragem de mudar radicalmente o crédito; de entender que com agricultura, atividades anuais, sem uma política forte de uso adequado dos minerais, de valorização de quem trabalha, mas com política que possa ser lucrativa também do ponto de vista econômico. Ou não vamos resolver isso.

A crise climática está mudando o preço

dos produtos todos. Não tem saída. Sejam os Estados Unidos perdendo algodão, seja o Vietnã perdendo café, seja o Brasil perdendo produção de café, e o preço vai aumentando. Temos uma grande saída para a Amazônia, porque estamos na região mais rica do planeta.

A COP trabalha financiamento. Se tiver um casamento desses recursos com atividades sustentáveis, que levem em conta as pessoas que vivem na Amazônia, a gente pode fazer uma grande e rápida mudança. Ensaíamos isso lá no Acre. Ganhei eleição defendendo o meio ambiente em 1992, em 1998, em 2002, em 2010.

O último dado, para ficar apavorado, é que

os vereadores e prefeitos eleitos no ano passado são contra essa agenda. Estudo feito mostra que são contra a proteção do meio ambiente 89% dos prefeitos e 90% dos vereadores atuais na Amazônia. Como vamos seguir com a COP30? Só sobrou o governo federal. Os governos estaduais conto com os dedos de uma mão os que a gente pode dialogar, como o Amapá e o Pará. A solução, com o nosso governo, é ter um plano direto, não temos mais tempo. A oportunidade é a COP30, vamos ter dinheiro para fazer a grande mudança e focar em atividades econômicas sustentáveis, que vão trazer inclusão social e melhor condição de vida social para os trinta milhões de brasileiros que vivem na Amazônia.

TEMAS VARIADOS CHEGARAM COMO PERGUNTAS PARA QUE OS PARTICIPANTES DA MESA RESPONDESSEM. VEJA A SEGUIR



Foto: Sérgio Silva

RISCOS DA EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO NA MARGEM EQUATORIAL

JORGE VIANA

O Brasil exporta por ano cinquenta bilhões de dólares de petróleo. A China é o nosso maior mercado, sendo que exportamos cem bilhões de dólares na soma e importamos cinquenta [bilhões de dólares]. Dos cem bilhões de dólares, quarenta bilhões de soja, vinte bilhões de petróleo e vinte bilhões de minério de ferro. Três produtos responsáveis por 80%.

Sabe quanto o Brasil exporta do Pré-sal do Rio? O Pré-sal é responsável por 78% do petróleo que o Brasil exporta. Se não tivesse o Pré-sal, o Brasil teria caído em suas exportações fortemente, nos últimos oito anos. O Pré-sal acaba em 2031. Daqui a seis anos vai fazer a produção pa-

ra baixo. Só que o Brasil e o mundo estão trabalhando com o petróleo.

Sempre defendi o meio ambiente, sempre vou defender, mas tenho algum pragmatismo. Não dá para proibir por conta de ser na margem equatorial. Eu já teria liberado a pesquisa e o estudo há muito tempo, porque o presidente Lula e a ministra do Meio Ambiente têm responsabilidade.

Sabe quem está explorando lá, cinquenta quilômetros de onde a gente quer furar o poço? A Noruega. Que é o país que doa um bilhão de dólares para o nosso Fundo Amazônia. A empresa Equinor está

explorando lá. A Petrobras explora o Pré-sal sem acidente. É a melhor e maior tecnologia de explorar. Tenho muita preocupação com meu rio, com o nosso rio, com o ecossistema. Não estou dizendo que é longe demais, mas fica a quinhentos quilômetros de distância da foz do Amazonas o poço que se pretende pesquisar. Fica a 170 quilômetros da costa do Amapá, a 800 quilômetros de Belém.

Sou 100% favorável à transição energética, para energia sustentável. Mas a transição energética não pode ser direto para carro elétrico. Temos biocombustível, temos motor flex, temos tecnologia.

Alguém sabe quantas peças tem um carro convencional, que trouxe vocês até aqui? Seis mil peças. Sabem quantas têm um carro elétrico? Quinhentas. Sabe quanto custa um carro elétrico? A metade é a bateria, que quem produz é a China. A outra metade é

aquele painel de conectividade. É desse jeito que vamos gerar emprego? Então, antes de alcançarmos um estágio, vamos fazer transição para aquilo?

O Brasil é o sétimo em emissões. A China é responsável por 30% da emissão de gases de efeito estufa, 15% os Estados Unidos, depois Europa, Rússia, Japão, aí vem o Brasil. Devíamos já estar fazendo a pesquisa, estudando, dando satisfação. Se for para explorar, para mim, não é royalties, não é fazer como fizeram aqui no Pré-sal, que podia ter mudado a história do povo brasileiro se o outro governo não tivesse vendido.

Se for para explorar tem de ser a mais forte e definitiva mudança na história. Em primeiro lugar, dos trinta milhões de amazônidas que moram lá. E de absoluta proteção ao meio ambiente. Estou falando de quase catorze trilhões de dólares que estão lá no subsolo e que podem ser explorados.

TEMAS VARIADOS CHEGARAM COMO PERGUNTAS PARA QUE OS PARTICIPANTES DA MESA RESPONDESSEM. VEJA A SEGUIR.

COMO É POSSÍVEL FALAR DE AMAZÔNIA E MEIO AMBIENTE SEM INCLUIR NO DEBATE UMA PESSOA INDÍGENA?

ESTHER BEMERGUY

Temos bastante proximidade com esses movimentos, sabemos o que eles estão pensando. O ideal seria inclui-los, mas em todos os debates sobre a COP eles estão presentes, têm feito muitos debates em Belém sobre a COP30. Os movimentos indígenas estão preparadíssimos para participar,

com pautas extremamente importantes, sabem o que querem, e sabem ao que eles vão se opor também. Eles têm demonstrado um vigor extraordinário. O movimento mais vigoroso que temos é o movimento dos povos indígenas.

COMO A GENTE PODE INCENTIVAR AS AÇÕES INDIVIDUAIS DE PLANTIO DE ÁRVORES, A COLETA SELETIVA E O USO DO TRANSPORTE PÚBLICO, E SE ESSAS PAUTAS NÃO DEVERIAM SER FOCO DA COP30?

MERCEDES BUSTAMANTE

Precisamos ter foco em todas as soluções possíveis. Ações individuais têm um potencial enorme de reduzir as emissões. Calcula-se em 30%. Só que as ações individuais têm de ser pavimentadas pelas políticas públicas.

Quando a gente fala de opção pelo transporte público tem de ter um transporte público limpo, de qualidade, que funciona, seguro, no horário; alimentação saudável significa dar incentivo e preço do alimento saudável mais apropriado do que do alimento ultra processado.

As ações individuais têm um papel, contagiam as pessoas e isso muda as comunidades. Mas não podemos abrir mão das

políticas públicas nos diferentes níveis. Nacional e subnacional. Elas são importantes para permitir o espaço, exatamente, dessas ações individuais. Organizações comunitárias de base são essenciais. Hoje, talvez sejam o primeiro e principal caminho de resistência que a gente tem, dentro desse quadro que o Jorge colocou, que entre prefeitos e governadores não temos um ambiente muito propício.

O foco de resistência, efetivamente, está nas organizações de base. Mas não podemos abrir mão de continuar almejando e organizando políticas públicas, que permitam que essas opções individuais sejam uma realidade.

COMO LEVAR ESSA PAUTA PARA A CIDADE COMUM, COM ALTA VULNERABILIDADE E COM TANTAS DEMANDAS URGENTES, FOME, DESEMPREGO, PARA QUE A PESSOA SE VEJA COMO PARTE DA SOLUÇÃO E EXIGINDO MAIS DAS INSTITUIÇÕES?

JORGE VIANA

Sou otimista. A maior discussão na COP30 vai se dar em torno do Pagamento por Serviço Ambiental (PSA). Se tem trinta milhões de pessoas vivendo na Amazônia, os indígenas e os povos da Amazônia precisam de uma parte desses recursos que o mundo quer colocar para reduzir a emissão. Tem de ter uma fonte. Mas a maior ameaça à Amazônia hoje é que não podemos seguir com a violência atual. Sem isso, não vai ter solução.

O mercado de carbono, que vai movimentar milhões, não remunera ainda o estoque. O que é o estoque? O lugar que guarda mais carbono é o oceano, mas o estoque está nas árvores da Amazônia. E eles não pagam. O mercado vai remunerar quem desmatou e

diz que vai parar de desmatar. Desmatou e vai ganhar dinheiro por ter desmatado. E quem não desmatou? O seringueiro, o indígena? Não tem remuneração porque ele tem floresta.

A COP30 pode começar a mudar isso. Quem vive na Amazônia vai dizer: moro na melhor região do mundo, porque graças a morar aqui e ter cuidado da floresta, estou ganhando algo e tendo uma vida melhor para mim e para minha família. Essa virada de chave, tenho esperança de que o governo do presidente Lula, nesses dois anos, se formos pragmáticos, mudarmos o financiamento e focarmos nos trinta milhões que moram na Amazônia, podemos alcançar.



Comunidade Quilombola do Abacatal. Foto: Cícero Pedrosa Neto/Amazônia Real

COMO FAZER A COMPENSAÇÃO E APOIO COM POLÍTICAS PÚBLICAS AOS AGRICULTORES FAMILIARES, ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA E COMUNIDADES TRADICIONAIS PARA REMEDIAR OS IMPACTOS DAS SECAS DA MUDANÇA CLIMÁTICA?

ESTHER BEMERGUY

A situação da agricultura familiar e dos assentados na Amazônia está muito complicada. Não tínhamos, antes, na Amazônia, essas secas, que aconteciam de cinquenta em cinquenta anos. Agora, as secas são contínuas e extremamente penosas na região. Antes, dizíamos que o amazônida não passava fome. Não passava fome quando ele tinha suas condições naturais intactas. Hoje ele passa fome, sede e não há nada sendo feito para mudar essa situação.

A agricultura familiar na Amazônia e os assentamentos da Reforma Agrária têm dificuldade de comercialização. Vivemos numa região imensa. Há dificuldades, que vão desde essas que falei, da mudança do clima, sem chuva, sem capacidade de irrigar a plantação, sem ter um clima favorável, estamos condenando a agricultura. Hoje, as mudanças climáticas têm um impacto fundamental nesse processo.

O crescimento anual das plantações de soja já é maior na Amazônia, no Pará principalmente, e no Nordeste, do que no próprio Mato Grosso. Está crescendo numa velocidade muito maior. Isso significa agrotóxico, dificuldade de fazer agroecologia, porque o agrotóxico invade os rios e o solo.

A proposta que estamos fazendo é um financiamento do Estado, tanto para a agricultura familiar quanto para os assentados da Reforma Agrária, especialmente para esses últimos. Um financiamento a fundo

perdido, do Estado, para que as pessoas possam começar uma produção, pelo menos por algum tempo.

As cúpulas sobre sistemas alimentares que a ONU realizou eram, na sua maioria, dominadas pelos movimentos sociais, pela sociedade civil. Desde 2021, essa cúpula passou a ser dominada pelas grandes corporações que hoje dominam os sistemas alimentares, responsáveis pelos preços, pela inflação que causam quando isso lhes interessa, que diminuem a oferta, ou aumentam, de acordo com seus interesses.

Ter financiamento a fundo perdido para os pequenos e médios agricultores, principalmente para os pequenos, é um movimento de retomada do controle social sobre os sistemas alimentares. Podemos fazer isso para todo o Brasil. Perdemos muito dinheiro com agronegócio, com mineração e já subsidiamos demais. Por que não subsidiar o pequeno? Mas subsidiar fortemente, com financiamentos de grande porte para mudar essa situação.

Na Amazônia, isso é urgentíssimo. A solução seria essa: um programa de financiamento e assistência técnica para a pequena agricultura e de pesquisa e desenvolvimento. A Embrapa está tomada, cooptada pelo agronegócio. Uma parte muito pequena e marginalizada da Embrapa trabalha para os pequenos agricultores, para a agricultura familiar e para os assentados.

Precisamos de ciência para mudar essas condições. Se tivéssemos ciência, financiamento e assistência técnica, com o conhecimento que a agricultura familiar tem da Amazônia e do Brasil inteiro, os nossos assentados, com o conhecimento que eles têm da região, mudaríamos essa situação.

A Fundação Perseu Abramo tem promovido essas discussões na Amazônia. Temos

conferências sucessivas na região para discutir as pautas que queremos. Essas propostas que apresentei aqui são fruto dessas discussões, dos fóruns da Amazônia, das conferências da Amazônia. Mas precisamos ser ouvidos nas políticas que são feitas para a região. Precisamos que o governo e o partido tenham a sensibilidade de ouvir os amazônidas, quando estão pensando a região.

COMO O GOVERNO PODE INCLUIR OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA COP30, PRINCIPALMENTE OS MOVIMENTOS DA AMAZÔNIA?

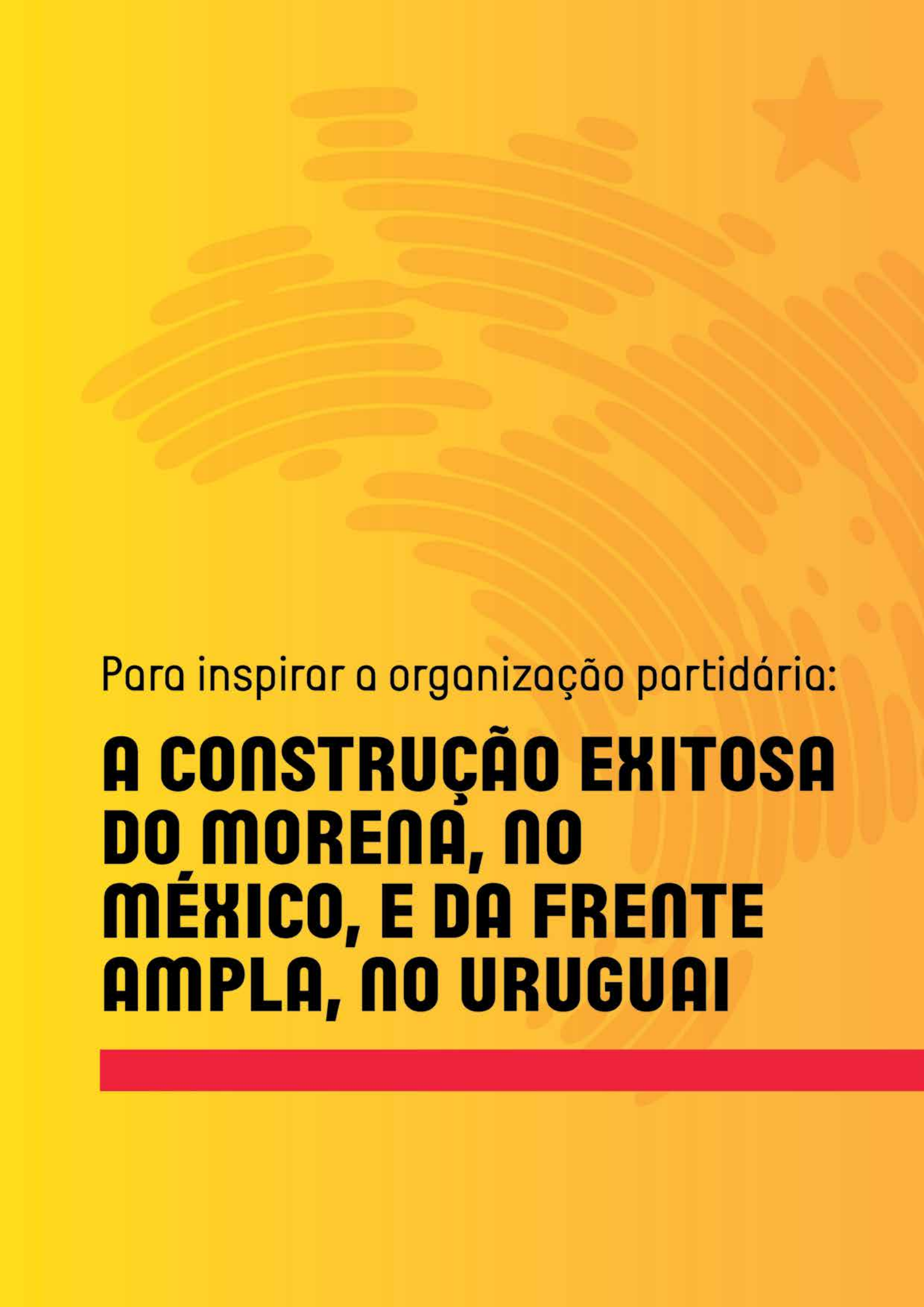
MERCEDES BUSTAMANTE

Os povos da Amazônia falam: “nada para a Amazônia sem os povos da Amazônia”. É algo que não podemos esquecer. Gostaria de chamar a atenção: dentre os segmentos mais vulneráveis sobre a questão das mudanças climáticas, há um recorte de gênero muito forte. As mulheres são mais impactadas pelas questões de saúde, educacionais, de água e de acesso a emprego. A discussão sobre mudança climática envolve um recorte muito forte racial, de gênero e de etnia.

Para fechar, minha resposta é: a quem serve o nosso pessimismo? Se a gente adota o pessimismo, o que a gente faz é manter o status quo, é manter quem nos jogou nes-

sa situação. Então, neste momento, a gente não pode perder o otimismo, mas sendo realista. O realismo esperançoso do Ariano Suassuna. É onde está a semente da mudança.

Esses 45 anos trouxeram para o Brasil uma discussão sobre redução da desigualdade, defesa da inclusão. Essa discussão precisa ser reavivada, retomada. Em um ambiente muito mais hostil, é verdade, tanto no país como mundialmente falando. Mas ela é mais importante do que nunca. Cultivar a nossa crença na capacidade de mudar, porque se a gente entrega os pontos, é aí que a gente não muda nada mesmo.



Para inspirar a organização partidária:

**A CONSTRUÇÃO EXITOSA
DO MORENA, NO
MÉXICO, E DA FRENTE
AMPLA, NO URUGUAI**



Foto: Sérgio Silva

APRESENTAÇÃO

No Rio de Janeiro, também durante as comemorações de 45 anos do partido, a então presidenta da PT, Gleisi Hoffmann, coordenou a mesa que apresentou as experiências e os exemplos de organizações como o partido Morena, do México, e a Frente Ampla, do Uruguai.

Carolina Rangel é da direção nacional do Morena e relata como se deu o surgimento do partido e a conjuntura em seu país, assim como as vitórias eleitorais.

Fernando Pereira, representando a Frente Ampla do Uruguai também contou sobre como chegaram ao patamar de organização que têm hoje em seu país.

Segundo Gleisi, é preciso “também nos organizar internamente e nas relações com os partidos irmãos, de esquerda e da centro-esquerda. Temos vários desafios. O PT está fazendo 45 anos e julgo que foram exitosos. Ou não estaríamos aqui comemorando. É um partido jovem, que muito cedo chegou à Presidência da República. Ganhamos cinco eleições presidenciais das nove que disputamos. Mas, ao mesmo tempo, temos o desafio de renovar nossa organização partidária. Reforçar nosso relacionamento com o povo brasileiro, com os trabalhadores e trabalhadoras. Colocar em ação nosso programa, nossas propostas e transformar o Brasil”.

VEJA A SEGUIR O QUE MAIS A GLEISI DISSE NA ABERTURA DO PAINEL:

Lá nos primórdios, tínhamos as direções e os Núcleos de Base participando dos processos decisórios do PT, inclusive das eleições e de suas direções. Tínhamos uma dinâmica muito forte, entrelaçada com os movimentos sociais. Fomos crescendo e chegamos à Presidência da República.

Mudamos também a nossa forma de organização. Inovamos com o Processo de Eleição Direta, um partido que elege diretamente na urna os seus presidentes e as suas direções nas três instâncias. Ao mesmo tempo, não temos mais os Núcleos de Base. Tivemos a experiência dos núcleos quando da luta do Lula Livre, mas não os Núcleos de Base entrosados com a dinâmica das decisões partidárias.

Precisamos fazer essa discussão. Vamos ter a oportunidade de realizar o 8º Congresso, exatamente para rever nosso estatuto, conversar sobre nosso programa e falar sobre a dinâmica da organização partidária. Como dar vida ao PT? Como fazer de novo que ele esteja na base, junto com o povo e com as organizações sociais? Esse é um grande desafio.

Investir na formação política, e a mais importante é a que se dá na luta, no cotidiano, no enfrentamento, naquilo que a gente faz no dia a dia para mudar a vida do país. O desafio de governar um país tão grande como o Brasil, governar estados, municípios, estar no Parlamento, sem perder a referência da base partidária.

Somos um partido que está no institucional, mas só sobrevivemos porque somos um partido que está, também, nas organizações sociais, participando ativamente da sociedade civil. Hoje de manhã, tivemos a reunião dos nossos setoriais, que são o elo com as áreas organizadas da sociedade.

Como é bom ver o pessoal do setorial da saúde, da educação, do transporte, do meio ambiente, secretaria das mulheres, LGBT, cultura, combate ao racismo, integrando esse processo das decisões e da construção partidária! E temos de investir cada vez mais nisso. Temos o desafio de preparar e renovar os nossos quadros para as direções partidárias, com a juventude, com as mulheres, com os negros e negras, nessa participação que é tão importante.

Obviamente, manter também o embate político que temos de fazer nesse quinto governo do PT, com o presidente Lula, enfrentando uma oposição diferente, muito mais organizada, ideológica, e fortalecida



Foto: Sérgio Silva

também com base popular. É uma oposição de extrema direita, o que, aliás, não é um fenômeno só do Brasil. Temos visto isso em vários países da América Latina e do mundo. Como nos organizamos para isso? Como defendemos o nosso governo? Queremos beber dessa experiência tão exitosa

do Morena, um partido muito jovem, um movimento que se transformou em partido, e que está dando ao México uma outra dinâmica e que elege a primeira mulher presidenta do país, Claudia Sheinbaum, e que tem muitas mulheres na direção partidária, no Parlamento.

CAROLINA RANGEL⁴

“A Revolução das Consciências nos fez seguir falando com toda gente, nos organizando, batendo em portas, gastando sola de sapato e saliva para falar e promover esse despertar entre todas e todos, aproximando a política da vida diária e cotidiana, e tomar as decisões políticas como coletivas de todas e de todos”

Para mim é uma honra estar aqui com vocês e compartilhar o grande desafio que é o Movimento de Regeneração Nacional (Morena), um partido-movimento. Desde 2013 nos constituímos como partido político, há apenas doze anos. Porém, levamos como movimento por muitíssimos anos. Um movimento, que antes de ser partido político, chamávamos de Movimento Obradorista. Que elegeu o melhor presidente do México na época atual, o advogado Andrés Manuel Lopez Obrador, que, para nós, é uma grande referência, que não só funda e cimenta o partido, mas traz uma nova forma de fazer política, que, ao final de seis anos na Presidência, chamamos Humanismo Mexicano.

Falando de nossas origens, nosso movimento começa basicamente com a primeira fraude eleitoral contra Andrés Manuel [Lopez Obrador], em 2006, quando Felipe Calderón era presidente. Obrador



Foto: Sérgio Silva

havia sido chefe de governo na capital mexicana entre 2000 e 2005, com forte popularidade. Calderón foi repudiado em meu país, porque iniciou uma guerra estúpida contra o narcotráfico, mobilizando o Exército, que deixou muitos mortos e que segue fazendo estragos.

Felipe Calderón roubou a eleição de uma maneira absurda em 2006. Andrés Manoel, depois dessa fraude, lançou então o que chamamos na época de Governo Legítimo, porque estava no poder um presidente espúrio, que o povo não tinha eleito. E tínhamos que seguir nos organizando.

Quando um movimento tem uma derrota eleitoral, alguns querem ir para casa chorar. Felizmente, Andrés Manuel nos fez

4. Economista, Secretária Geral do Comitê Executivo Nacional do partido Morena

continuar lutando para demonstrar que na oposição também se consegue mudar as coisas. Nosso segredo foi a Revolução das Consciências e sabíamos que, através dela, íamos transformar nosso país.

REVOLUÇÃO DAS CONSCIÊNCIAS

A Revolução das Consciências nos fez seguir falando com toda gente, nos organizando, batendo em portas, gastando sola de sapato e saliva para falar e promover esse despertar entre todas e todos, aproximando a política da vida diária e cotidiana, e tomar as decisões políticas como coletivas de todas e de todos.

Caminhamos rumo a 2012. O Morena ainda não estava organizado como partido. Primeiro nos organizamos na forma de um referência juvenil: MORENAJE (morenas, jovens e estudantes), um setor de jovens e estudantes, através de um movimento que apoiava Andrés Manuel, mas não como partido político. Foi o momento em que surgiu a mobilização “Eu sou 132”, quando o candidato Peña Neto (que também se elegeria com nova fraude) se escondeu em um banheiro porque os estudantes o colocaram para correr de sua universidade privada. Foi também o momento da grande mobilização “Não mais sangue”, contra o Calderonato e a guerra estúpida que ultrapassava cinquenta mil mortes.

O “morenato” se organizou em nosso recente partido com a atual presidenta Luísa Alcade. E começamos a acompanhar Andrés Manuel, em 2012, para defender o voto. Nosso maior medo era uma nova fraude. O que mais tínhamos que fazer era cuidar das urnas. Chega 2012 e ocorre uma nova fraude, que foi, sobretudo, lucrando com a pobreza das pessoas, com as necessidades



Foto: redes sociais Partido Morena

do povo do México. E essa fraude ocorreu não só através do partido adversário, mas também havia fogo amigo dentro do mesmo partido em que Andrés Manuel havia sido candidato, o que chamamos “maracutaia”, e o fez perder as eleições. Isso nos fez ver que o PRD tampouco era uma opção.

Com a fraude de 2012, lotamos a praça central na Cidade do México e gritávamos: Revolução! Revolução! E Andrés Manuel nos disse: “calma, não deixemos que os violentos nos tachem de violentos”. A luta é pela via pacífica e eleitoral. Já tínhamos feito um plantão de vigilância em 2006, de novo em 2012 e ele nos convocava para uma organização eleitoral e para a via pacífica. Não queríamos mais a via pacífica e ele nos disse que não íamos seguir um movimento de violência. Porque um líder nunca pode pôr em risco a vida dos simpatizantes. Não deveríamos colocar em risco



Foto: redes sociais Partido Morena

absolutamente nenhum de nós.

Decidimos ir pela via pacífica e eleitoral. Fazer filiações, comitês de protagonistas da mudança verdadeira de que necessitava nosso país. E decidimos em assembleias distritais, trezentas em todo o país, perguntar à militância do Morena o que preferiam: um partido ou um movimento ou as duas coisas.

PARTIDO-MOVIMENTO

Decidimos ser as duas coisas, um partido-movimento, um partido que ganhe eleições, mas também movimento. Um movimento das causas justas, que vai cuidar do bem de todos, mas primeiro dos pobres. Decidimos que não somente tínhamos de ganhar as eleições, mas também continuar perto das pessoas.

Falamos de quatro transformações no México: 1) a Independência (1821); 2) as Leis da Reforma (década de 1850, com medidas modernizadoras e limitando o poder da Igreja e dos militares); 3) a Revolução (1910-1920, com Madero, Zapata, Pancho Villa e importante Reforma Agrária; 4) em 2018, com a vitória de Obrador, com mais de trinta milhões de votos, começa nossa quarta transformação.

O Morena foi constituído como partido em 2013 e decidimos nos organizar, informar as pessoas. Tínhamos um jornal que nos ajudou no começo a fazer a Revolução das Consciências. O povo do México vivia em muita pobreza, violência e desigualdade. Havia um cansaço no México, mas também um povo organizado: “somente o povo pode salvar o povo; mas só o povo organizado pode salvar a Nação”, disse Andrés Manuel. E tivemos de nos organizar para chegar à Quarta Transformação, com a vitória de Andrés Manuel, precisávamos

não apenas votar, mas convidar a massa para votar, convencer também. Eu vou, mas antes vou convencer por que votar. Na primeira eleição de Andrés Manuel houve uma situação muito complexa, que foi o chamarem de louco, que era um perigo para o México, que estava mal da cabeça. E tivemos de reverter tudo isso.

POSTULADOS DO MORENA

O tempo foi passando e Andrés Manuel resolveu renunciar ao partido, para que houvesse separação entre o partido e o governo. A melhor maneira de que o Morena continuasse se organizando era através de uma nova filiação ou refiliação. A nossa meta é de dez milhões de filiados e filiadas. Vamos chegar a ser um grande partido. Esses dez milhões serão atingidos pela campanha “Una-se ao Morena! Somos milhões!”. Na primeira eleição tivemos mais de trinta milhões de votos e, na última, mais de 36 milhões de votos. Claro que podemos ser a força política e moral mais forte do país.

Agora, estamos voltando à nossa essência. Nos últimos anos, nosso movimento se dedicou às eleições, à nova direção. Estamos voltando ao território, a fazer comitês, e nunca nos afastamos do povo. O Morena vai falhar quando nos afastarmos do povo. Essa é a nossa principal tarefa, nosso principal desafio: não deixar de estar com o povo e caminhar com ele.

Para isso, também lançamos os Cem Postulados de um Morenista que são princípios para a vida, para o governo, para o dia a dia. Se você tiver dúvida de como fazer política no México, pode ler esses princípios, ler qualquer um deles. O princípio 82, diz: “É preferível legar pobreza do que desonra para nossos filhos”.



Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro bilateral com Presidenta do México Claudia Sheinbaum. Foto: Ricardo Stuckert/PR

Temos outro desafio importante: os espaços ganhos. Temos maioria legislativa na Câmara dos Deputados, no Senado, mais de vinte governos estaduais num total de 32. Temos maioria em mais de vinte legislativos estaduais. Esse é um desafio para que as nossas autoridades, que saíram do nosso movimento, sempre o representem.

DEZ MANDAMENTOS MORENISTAS

Fizemos um documento, que é mais moral do que jurídico, embora haja implicações legais, mas buscamos mais de cinco mil autoridades no Morena para que assinassem esses dez mandamentos para as autoridades surgidas do Morena. Fala que os servidores públicos devem ser leais ao povo do México. Somos democratas, consultamos o povo, dizemos que não há nepotismo, não há sectarismo. Se os recursos naturais estiverem em jogo, sempre vamos defendê-los. Não utilizamos a força pública para reprimir o povo. Somos contra a corrupção e pelo bem de todos e de todas e

que estão, em primeiro lugar, os pobres.

Isso é para que nossas autoridades não se esqueçam de onde vêm, porque o povo não votou em uma pessoa, mas votou por uma causa, por um movimento e por um projeto de nação. Todas as nossas autoridades devem seguir esse projeto de nação. Não há uma pessoa que seja maior que o movimento. Inclusive eu, que gosto muito do Andrés Obrador, estou aqui graças ao obradorismo. Já dissemos isso várias vezes. Primeiro, o obradorismo; acima do obradorismo, também está o morenismo como movimento; e acima dele está a Quarta Transformação, que inclui todas e todos do país. Então, é isso que nos fez criar esse documento e nos aproximarmos todos e todas dentro do nosso partido.

MODELO ECONÔMICO MORENISTA

E qual o modelo econômico de Andrés Manuel ou da Quarta Transformação? Não é capitalista, não é socialista, somos antineo-

liberais e desenvolvemos um novo modelo econômico, que é o Humanismo Mexicano, para que os programas sociais se transformem em direitos constitucionais; que os salários estejam acima da inflação; defendemos todos os recursos naturais; que empresas públicas garantam eletricidade, telefonia etc. Elas são privadas, mas que o governo também tenha serviços de banco, internet, telefonia, eletricidade próximas do povo. Petróleo também.

Assim, Andrés Manuel chega com uma grande aprovação em 2018. Termina os seis anos com aprovação ainda maior, o que favorece a vitória de Claudia Sheinbaum de 2024, consolidando o segundo piso da transformação. O primeiro foi feito por Andrés Manuel. O segundo, com Claudia Sheinbaum, traz mais direitos, mais ações, reformas constitucionais, como a do Poder Judiciário no México. No próximo dia 1º de junho, vamos eleger nossos juízes, magistrados, ministros de todas as cortes. Os três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário

serão através do voto popular no México. Foi uma grande batalha, buscamos ter maioria legislativa nas Câmaras e no Senado para fazer essa reforma.

Além de todo esse pacote de reformas para os afro-americanos, para os indígenas, medidas penalizando o uso de fentanil, que afeta nossa juventude. Esse é o segundo piso da transformação que o México está passando com a nossa presidenta. A responsabilidade do Morena como partido é respeitar a separação entre governo e partido, mas, acima de tudo, acompanhar Claudia Sheinbaum com uma grande militância e com grandes ações.

No México, embora a oposição esteja política e moralmente derrotada, ela existe e é muito violenta. Não podemos esquecer e devemos confiar. Andrés Manuel nos dizia que não tínhamos o direito de repousar sobre os louros ou descansar. Agora, somente ele tem o direito de seu merecido descanso, mas toda a militância Morena tem de seguir caminhando todos os dias.



“O grande desafio para o partido político não é governar. Para governar já existe o governo. Mas o partido tem um desafio territorial, tem que conversar”

Muito obrigado à Fundação e ao PT. Acreditem, na noite em que o Lula ganhou foi uma festa. Muitos uruguaios saíram para festejar a volta do PT ao governo e também a chegada do Lula, que havia sido injustamente preso. Então, meus cumprimentos ao Lula e ao PT por esses 45 anos.

A primeira coisa que quero ressaltar é que o PT foi um farol para a Frente Ampla, para grande parte da esquerda da América Latina e também para, em alguns momentos, olharmos para nós.

CAMINHOS PARA A ESQUERDA

Implica escolher caminhos. No Uruguai, nos anos 1960, escolhemos ter uma Central Única de Trabalhadores, que se mantém há 60 anos. Hoje, só há uma Central Sindical, que se chama PIT-CNT, e isso é fundamental para as esquerdas. É elementar que os trabalhadores têm de estar desse lado do balcão. Uma segunda questão é que, mesmo mais de um ano depois da formação da Central Nacional de Trabalhadores, naquela época foi conformado o Congresso do Povo, um congresso programático, de 1400 organizações sociais, que construíram um programa assumido pela Frente Ampla nos anos 1970.

Era possível dizer que a unidade política do Uruguai, com a Frente Ampla, era uma resposta às necessidades da classe operária, dos estudantes, dos produtores agropecuários, dos pequenos comerciantes.



Foto: Aldo Barranco

Não podemos esquecer essa história. Mas há uma segunda decisão importante. Até 1970, os partidos que integravam a Frente Ampla não chegavam a 10% do eleitorado. Em 1971, a primeira apresentação eleitoral da Frente Ampla foram momentos muito difíceis, mas obteve 20% do eleitorado, ou seja, duplicou.

Em 1973 tivemos um Golpe de Estado que nos tirou da política. Sofremos assassinatos e desaparecimentos, inclusive na minha família.

Foram anos muito cruéis e difíceis, as pessoas perdiam o trabalho, simplesmente por ter votado na Frente Ampla e não por fazerem parte da direção. A democracia voltou em 1º de março de 1985. A Frente Ampla, com a metade dos candidatos, alcançou novamente 20% dos votos. Em 1989, a Frente Ampla ganhava o governo de Montevideu e o mantemos até hoje. E vamos continuar mantendo além desses 35 anos, porque quando a esquerda chega e se conecta com a sociedade, pode construir longos processos. A questão é a oposição que se apresenta e se queremos ser

5. Líder sindical e presidente da Frente Ampla do Uruguai

uma esquerda testemunhal ou que mude as coisas no país.

ESQUERDA DA MUDANÇA

A Frente Ampla decidiu ser uma esquerda que muda o país e passou de 20%, em 1984, para 50,4% nas eleições de 2004, quando foi eleito o presidente Tabaré Vazquez. A esquerda chegava pela primeira vez ao governo do Uruguai para mudar a vida do povo.

Nesse período, que durou quinze anos, liderado por Tabaré e Mujica, os salários

se aposenta como inspetora, pode chegar ao máximo, algo impensável há vinte anos.

Mudamos a vida dos trabalhadores rurais, triplicando o salário para quem trabalhava no campo, dos trabalhadores do comércio, possibilitando a organização sindical nos supermercados.

Essa mudança foi percebida na qualidade de vida das pessoas, no crescimento do país. A Frente Ampla assumiu o governo com o PIB de dezesseis ou dezessete bilhões de dólares e terminou com sessenta bilhões de dólares. Essa é uma mudança ao estilo uruguaio. Diminuímos a pobreza em 48% diminuímos a pobreza infantil de 53% para 17%. Construímos universidades em todo o país, milhares de crianças tiveram acesso à educação pública entre 4 e 5 anos.



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva participa do 59º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE). O encontro teve a presença do ex-presidente do Uruguai Pepe Mujica. Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

cresceram 60%. O valor per capita (2500 dólares) é o maior da América do Sul. Não se esconde que a maior parte desse crescimento se deu nos quinze anos de governo da Frente Ampla. Antes de ser presidente da Frente presidi a Central Operária, um grande orgulho que tenho. Sou um dirigente político, mas sempre serei um trabalhador comprometido com as classes trabalhadoras: as trabalhadoras domésticas, que não tinham nenhuma negociação, triplicaram seu salário, professoras duplicaram seu salário. Hoje, uma professora que

FAZER POLÍTICA E MUDAR A VIDA DA POPULAÇÃO

Esses são atos de governo. Mas também é necessário fazer política. Governar e mudar tem que vir acompanhado de uma práxis e aproximação política. Na eleição interna da Frente Ampla quinhentas mil pessoas votaram. Ou seja, 1/7 da população total do país. Isso é prática política. É isso que faz com que, 54 anos mais tarde, estejamos unidos. Foi sábio dizer que a construção devia juntar aos partidos de esquerda alguns setores tradicionais e progressistas, a esquerda cristã-democrata, a que vinha do movimento anarco-sindicalista.

Antes de 1970, as pessoas diriam que isso era impossível. O que nos uniu? Os valores, os princípios, e um programa que gerasse uma alternativa ao modelo de direita, que estava destruindo nosso povo. Quando isso ficou claro, pudemos obter três governos consecutivos, que foi o que aconteceu com



Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, é recepcionado pelo novo Presidente da República Oriental do Uruguai, Yamandú Orsi, o Presidente da República do Chile, Gabriel Boric, e o Presidente da República da Colômbia, Gustavo Petro. Montevideu - Uruguai. Foto: Ricardo Stuckert / PR

a Frente Ampla. Quando isso fica claro, você pode perder as eleições, mas não perder a alma. Você pode sofrer a perda, não entender, mas sair e perguntar ao povo: por que nós perdemos? Para saber isso, no Uruguai, um país pequeno, de três milhões e meio de habitantes, que tem uma população economicamente ativa de um milhão e seiscentos mil uruguaios, saímos para visitar 308 localidades, onde 97% dos uruguaios vivem, e conseguimos falar com 1.896 organizações sociais.

Entendemos que o partido havia se separado da sociedade, e um partido de esquerda, separado da sociedade, só tem uma possibilidade: perder apoio. O que se pede da esquerda não é a mesma coisa que se demanda da direita. Ainda bem, inclusive. Quero que a pressão na esquerda aconteça, que se empurre a esquerda, que gere condições para mudar a agenda de direitos como se gerou em boa parte da América Latina. Não se pode esperar uma agenda de direitos do Bolsonaro, do Milei ou do Lacalle. Você só pode esperar uma agenda de uma esquerda como a nossa.

ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA, DEMOCRACIA E O FUTURO

O partido está composto com os movimentos, as organizações de base, grupos orga-

nizados, que estão em cada lugar do território e que juntam pessoas toda semana para discutir política. Que podem estar falando um dia sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia e, mais tarde, da organização de um ato da Frente Ampla,

da política internacional. Mas que funciona. Há 54 anos funciona. É uma questão de política ativa permanente. Não se separa da lógica partidária porque na hora de decidir quem serão nossos pré-candidatos é a comunidade que vai resolver. No Congresso da Frente Ampla esses movimentos podem ter mais da metade.

É possível dizer que se montou um partido que tem uma composição orgânica, os partidários, as organizações partidárias da coalizão e os movimentos de base. A Frente Ampla teve líderes como Tabaré e Pepe Mujica, que, aos 90 anos, continua militando na Frente Ampla e, agora, foi doente ao Parlamento no dia 15 de fevereiro, fazendo política até o último suspiro. Ele, que está se despedindo, sempre o vejo militando, cada vez que falo com ele me fala sobre o futuro. A pergunta era pensar se era possível suprir essas lideranças. É uma pergunta que vocês se fazem também em relação ao Lula. E foi possível.

O Yamandú ganhou, é o quarto governo da Frente Ampla, e agora, em 1º de março, a esquerda uruguaia vai voltar a governar com maioria no Senado (48 dos 99 deputados). Isso foi obra das pessoas: tivemos uma organização mínima, capaz de falar com a nossa família, com nossos primos, sobrinhos, pais, com um vizinho, com algum companheiro. Como a companheira mexicana disse, trata-se de falar com cinco pessoas.

CONSTRUIR A ESQUERDA DEMOCRÁTICA E POPULAR

Mas o que a gente não pode permitir, nem no Brasil, no México, Uruguai, Bolívia e nem em parte alguma da América é que a direita volte a governar. Porque quando governa, quem perde são os de baixo, os trabalhadores e trabalhadoras, os estudantes, os artistas, os que criam conhecimento. Esse é o grande desafio aqui. Construir uma esquerda democrática e popular, mas que tenha território.

O grande desafio para o partido político não é governar. Para governar já existe o governo. Mas o partido tem um desafio territorial, tem que conversar com esses quatro ou cinco que a gente fala, sobre cada um de nós, sobre o que estamos fazendo, o que cada um faz com o governo e, da mesma maneira, dotar a Frente Ampla de uma estrutura de valor.

Vivemos uma experiência que possibilitou, na última eleição, que 66% dos jovens abaixo de 25 anos votassem na Frente Ampla. Os jovens apoiaram a Frente Ampla e queremos que continuem na lógica revolucionária de mudar, de ter esperança. Um compatriota meu, Eduardo Galeano, grande escritor, frenteamplista, dizia que “a esperança era muito melhor do que a nostalgia, porque a esperança requer trabalho e a nostalgia não requer nada.”

Convido vocês para que construam a esperança. O PT foi um construtor de esperança para ser uma alternativa à direita no Brasil e foi filho também de um movimento sindical, como a CUT e outras centrais. Também convido vocês a construírem a unidade como um bem estratégico, e não tático. A unidade não é uma coisa a mais, é estratégico para a Frente Ampla, e, sem dúvida,

vai ser para o PT e toda a esquerda brasileira.

Não poderia dizer, com honestidade intelectual, que a Frente Ampla representa toda a esquerda do Uruguai, mas a maior parte, sim. E gostaríamos que nenhum companheiro não se sentisse parte da Frente Ampla. No Brasil também, que ninguém se sentisse fora dessa amplitude da esquerda.

A direção dos partidos nunca deve estar descolada de onde as pessoas estão, tem que ir ao mesmo supermercado, à mesma feira, mesmas calçadas e lugares onde cada um de nós participa. Por sorte, há ventos de mudanças na América Latina, a esquerda voltará a governar no Uruguai e esperamos que aqui no Brasil o PT continue governando.

Na verdade, nossa organização, nos últimos três anos, depois de termos perdido a eleição, passou de trezentos a quinhentos comitês. Ou seja, quando perdemos, a militância ficou mais forte. Na verdade, essa gente, junto com os nossos candidatos nos diferentes cargos, foram os que possibilitaram que Orsi seja presidente hoje dos uruguaios.

Viva a esquerda! Viva os 45 anos do PT! E que a esquerda latino-americana siga viva por muito tempo.



Foto: Aldo Barranco

PERGUNTAS E RESPOSTAS



Foto: Sérgio Silva

EXPERIÊNCIAS DOS COMITÊS PARTIDÁRIOS

VOCÊS PODEM FALAR SOBRE OS COMITÊS PARTIDÁRIOS? REPRESENTAM UMA COISA MUITO POSITIVA E AMBOS FORMARAM COMITÊS. COMO ESTIMULAR ESSES COMITÊS. NÓS TÍNHAMOS NÚCLEOS, QUE ANTES ERAM ESTIMULADOS NO PT, TIVERAM PARTICIPAÇÃO EFETIVA, INCLUSIVE NA ESCOLHA DAS DIREÇÕES PARTIDÁRIAS, NAS ELEIÇÕES E NAS DECISÕES PROGRAMÁTICAS. HOJE, OS NÚCLEOS NÃO TÊM ESSA FUNÇÃO. CONSEGUIMOS FAZER ESSES NÚCLEOS OU COMITÊS, MUITO EM RAZÃO DE LUTAS PONTUAIS E ESPECÍFICAS COMO FOI A CAMPANHA PELA LIBERTAÇÃO DO PRESIDENTE LULA, OS COMITÊS LULA LIVRE, QUE FORAM MUITO EXITOSOS TAMBÉM. PERMANECER COM OS COMITÊS, ESTIMULÁ-LOS, QUAL É A FÓRMULA QUE VOCÊS USAM PARA ISSO? QUAL É O PAPEL QUE ESSES COMITÊS CUMPREM, COMO É QUE ELES FUNCIONAM?

FERNANDO PEREIRA

É interessante pensar isso como uma chave da unidade. Para uma direção ter as pessoas organizadas, supõe-se que haja uma mudança qualitativa muito grande. No caso da Frente Ampla, temos quinhentos comitês diferentes funcionando, num país de três milhões e meio de habitantes. Cada comitê tem entre oitocentas e novecentas pessoas, na média, onde a informação chega, onde se chama para participar dos atos, para ações concretas nos bairros. Ali se discutem as mudanças que podem ser feitas nos lugares em que as pessoas vivem. Esses Comitês formam coordenadores. Temos dezoito no interior, em outros departamentos, e também dezoito em Montevideú. A Frente Ampla tem esse organismo, que funciona com a metade dos dirigentes políticos partidários e metade com os que estão vinculados às organizações de base.

O peso relativo que essa organização de base tem na hora de qualquer decisão política é exatamente a metade. Digamos que, dessa forma, o organizador não só se sente parte da ação política, mas como um decisor. Mas tem que ser valente para fazer as pessoas decidirem. Isso que é ser de esquerda. O Galeano dizia sobre a esperança

e tem também a questão da audácia. Aqui, a audácia funcionou desde 1971, desde o primeiro dia.

Hoje, para a Frente Ampla, as bases são um enclave fundamental na construção de qualidade e esperança, da mesma forma que qualquer organização de base. A esquerda que avança está sempre tensionada pelo movimento sindical, estudantil, ambientalista, pelo feminismo, e também por quem faz parte do partido.

Senão, cria-se uma indiferença. Uso uma frase que me servia muito quando era dirigente sindical, mas continuo pensando nessa frase hoje: é necessário ser independente. Os movimentos sociais têm de ser independentes dos partidos de esquerda. Mas não se pode confundir nunca a autonomia com a indiferença. Para um trabalhador e para um militante político não é a mesma coisa que ganhe o Lula ou Bolsonaro. Para um militante no Uruguai, ter ganhado Lula foi uma festa e, quando Bolsonaro ganhou, foi uma tragédia. Orsi ter ganhado foi uma festa.

Isso é o que se exige desse movimento político que tem quinhentos comitês de base com militantes ativos e quinhentos mil participantes ativos. É muito para um país de três milhões. Conseguimos oitocentas mil assinaturas de forma digital para derrubar uma lei de um governo de direita; ou seja, 33% do eleitorado uruguaio. É uma organização política que, na última campanha, falou com dois milhões e setecentos mil uruguaios. Isso é um valor em si mesmo, que nos possibilita entender essa estrutura territorial que está muito bem descrita nesse livro, que acabei de dar de presente.



Foto: redes sociais Frente Ampla Uruguai

OS COMITÊS TÊM FORÇA NO PROCESSO DECISÓRIO DOS ENCAMINHAMENTOS PARTIDÁRIOS? ELES DECIDEM?

FERNANDO PEREIRA

Frente Ampla entendeu que para governar tem de ter uma unidade clara entre a base e a direção e a direção entendeu que, em muitos momentos, é importante escutar as pessoas na base, porque é o que traz as discussões de muita gente que se junta lá para conversar.

CAROLINA RANGEL

Na estrutura do Morena temos o Comitê Executivo Nacional, Comitês Executivos Estaduais e também os Comitês Seccionais. A nossa meta são Comitês por seção. Temos 300 seções, e a seção é um espaço geograficamente menor que um estado ou município. É a seção eleitoral, onde se colocam as urnas para que as pessoas votem. O mais importante para manter esses comitês ativos é que não existam apenas quando haja disputas eleitorais. Ou que uma pessoa abandone a militância, para nos vermos somente a cada três ou seis anos, ou quando a militância reclama essa ausência.

Nossos comitês, agora que estamos filiando e refiliando, têm como primeira tarefa continuar reunindo essas pessoas, de maneira a ter uma militância mais verdadeira, e para distribuir nossa ferramenta de informação, que é o Jornal Regeneração. Fazer frente às notícias falsas, falar realmente do que acontece no México, distribuir os pronunciamentos da presidenta Claudia.

Com a reforma do Poder Judiciário houve muitas fake news. Nossos comitês têm de continuar falando do que acontece em nos-

Estivemos unidos por 54 anos, inclusive nos momentos de tempestade. Quando uma bandeira da Frente Ampla aparecia numa janela ou, de repente, aparecia outra bandeira numa praça, ninguém sabia de onde veio. Essa foi a resistência que houve também no Brasil e em outros países da América Latina.

so país. Os meios tradicionais, que não são nossos amigos, se dedicam a falar mal da Quarta Transformação. Há uma pressão midiática muito forte, e nossos comitês informam, comentam em grupos de WhatsApp por exemplo, através das redes sociais, também se reunindo para falar sobre o assunto.

Também é importante a participação do nosso Instituto Nacional de Formação Política. Os nossos Comitês, as nossas filiadas e filiados, obrigatoriamente, têm que estar em dia, conectados ao Instituto de Formação Política, que é mais ou menos similar à Fundação Perseu Abramo, e essa formação se transforma em uma tarefa permanente. Perguntamos a nossos filiados se querem fazer parte do Comitê, porque nem todos os filiados querem ser ativos no Morena. Alguns só querem ser filiados. Outros querem estar no Comitê Seccional. E perguntamos se querem receber formação política. Nossos documentos básicos, os estatutos do Morena orientam para que os filiados tenham formação política plena. Inclusive, para ser candidata ou candidato, você tem que fazer parte da formação política, tem de fazer um curso.

Os Comitês podem se formar com cinco até 500 pessoas por seção, e são uma parte ativa da nossa tomada de decisões. Assim renovamos a estrutura do partido. Quem escolhe nossos conselheiros são os Comitês Seccionais. Eles decidem os Conselheiros Distritais e esses se transformam no Conselho Nacional do Morena. Esse Conselho Nacional é o que toma as decisões do partido, dos documentos básicos, das direções, das tarefas.

Os Comitês fazem o trabalho territorial mais próximo, de informação, organização e acompanhamento. Com a chegada de Trump nos Estados Unidos, há um desafio importante. Claudia Sheinbaum falou de uma maneira muito clara. Tem um programa de ações que

se chama “O México te Abraça”. A direita no México, que está moralmente derrotada, decidiu apoiar Trump, em vez de apoiar a presidenta. Qual foi a nossa resposta como militância? Informamos aos mexicanos que estão do outro lado da fronteira, através da nossa militância e dos Comitês que estão nos estados fronteiriços, que havia ações, programas e meios para apoiar os nossos irmãos mexicanos.

Nossos Comitês são mecanismos de acompanhamento e resposta às necessidades do povo do México e difusão de ações que o governo está fazendo através da presidenta. Trata-se de mantê-los ativos e não só promover a filiação, mas também a organização dessa militância.

COMO LIDAR COM AS REDES SOCIAIS ONLINE

COMO A FRENTE AMPLA E O MORENA ESTÃO LIDANDO COM AS REDES SOCIAIS? QUAIS AS AÇÕES QUE VOCÊS TÊM, A ESTRATÉGIA QUE VOCÊS ESTÃO UTILIZANDO?

CAROLINA RANGEL

Andrés Manuel chamava todas as redes que ajudaram a romper esse cerco. Em 2006, quando os meios tradicionais, as emissoras do México lançaram que AMLO era um perigo para o México, não tínhamos outra maneira de comunicar. A principal comunicação, que nunca devemos perder, sem dúvida é de pessoa a pessoa, casa por casa. Essa é a principal. E esse trabalho nos permite trocar e debater nossa principal ferramenta, que é nossa causa, nosso movimento. Como ganho uma eleição, como formo, como participo? Casa por casa. Essa é a resposta para quase todas as perguntas, casa por casa.

Mas também nos apropriamos um pouco

das redes sociais.

Andrés e Claudia são os principais geradores de conteúdo no YouTube

por sua maneira de falar com o povo. São os principais geradores de conteúdo em idioma espanhol. E replicamos nessas redes, compartilhamos em todos os grupos. Buscamos que nosso comitê de protagonistas também organize o grupo de WhatsApp e possamos responder, porque a direita se organiza muito com as mentiras nesses grupos em eleições.

Por que não fazemos isso também, para combater a desinformação? Afinal de contas,



Foto: Sérgio Silva

há muitos comunicadores na televisão que não divulgam a realidade. Muitos comunicadores jovens que usaram as redes sociais, os canais do YouTube para informar sobre o que acontece em nosso governo, em nosso país, fazendo frente a essas notícias falsas. Elas se tornaram uma ferramenta para as esquerdas também, e não podemos deixar que a direita se apodere de um espaço que também conquistamos, que são as benditas redes sociais.

FERNANDO PEREIRA

Concordo que nenhum instrumento é melhor do que o corpo a corpo, o mano a mano. Também estou de acordo sobre visitar as casas. Na eleição, chamamos para o voto a voto, casa por casa, conversar, dedicar tempo, ter uma lista de visitas organizadas, ali onde as pessoas moram, conhecer os compatriotas.

Mas as redes chegaram, é inegável. Eu nunca quis entrar nas redes sociais porque escolho na minha vida não viver numa cloaca, temos que escolher em quais redes sociais a esquerda deve estar. Particularmente, não quero estar no X por nenhum motivo. Se dissessem que ganharíamos votos, também não estaria. Nas outras redes sociais, temos que trabalhar com conteúdo. Uma pessoa do PT ajudou, na comunicação da Frente Ampla, para o melhor uso das redes sociais, para utilizá-las de forma positiva, efetiva para que chegasse às pessoas com informação de valor, para que tenhamos consciência de que cada coisa que publicamos tem um efeito. E que não vale tudo. Para um frenteamplista não vale publicar notícia falsa.

Começamos a campanha eleitoral com uma notícia falsa sobre o nosso candidato, que falava que ele tinha batido numa mulher trans, dez anos atrás. E essa denúncia vinha de uma militante de um dos parti-



Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva concedeu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica. Foto: Ricardo Stuckert/PR

dos de direita do Uruguai. Não de um partido, vinha de uma militante. Tempos depois descobriram que duas mulheres trans tinham combinado e gastaram muito dinheiro para tentar danificar a imagem do Yamandú Orsi.

Yamandú reagiu com bastante energia mas não desqualificou. Temos de buscar a verdade, e trabalhamos para buscar a verdade, intensamente, e os partidos têm de aprender isso. Cada vez somos mais vulneráveis à mentira, às notícias falsas, escraches e cancelamentos. E tem um aspecto, que não é técnico: não podemos pensar que tudo que acontece no mundo é o que sai nas redes. A tendência do Twitter é a de um pedacinho da humanidade, que não tem nada a ver com a realidade que as pessoas vivem, ou nas urnas, ou na vida democrática dos partidos.

Temos de ser criteriosos ao usar essas ferramentas, para não causar danos. O Pepe Mujica fez uma coisa incrível, lembrando que esquerda é dividida por ideias e a direita unida por interesses. Às vezes, grupos de WhatsApp também nos dividem. Temos de ter cuidado. Mas é claro que temos de usar essas redes.

FUNCIONAMENTO DA FRENTE AMPLA

COMO FUNCIONA A FRENTE AMPLA, O NÚMERO DE PARTIDOS QUE INTEGRAM, COMO SÃO OS PROCESSOS DECISÓRIOS, COMO SE CHEGA À DIREÇÃO, PRESIDÊNCIA E OUTROS CARGOS, COMO VOCÊS CONSTROEM ISSO NO COTIDIANO E FORTALECEM A FRENTE AMPLA?



Foto: redes sociais Frente Ampla Uruguai

FERNANDO PEREIRA

A Frente Ampla tem um processo eleitoral interno que convida todos os filiados a votarem. Escolhemos no mesmo dia o presidente nacional da Frente Ampla, os presidentes estaduais, os lugares territoriais dos governos municipais, e elegemos todos os dirigentes de base que vão representar por três anos e os representantes dos partidos que vão estar

na direção política da Frente Ampla.

Nessas eleições já participaram duzentos mil pessoas; na última, participaram 130 mil. É um processo longo, cada voto leva cinco minutos, quando numa eleição geral não leva um minuto. Você tem de marcar cruzeiros para escolher os dirigentes de base. Fazer uma lista que vai eleger os setoriais.

Colocar a cara do presidente da Frente Ampla e a cara do presidente estadual, um processo complexo, mas que funcionou. Nesses três anos pensei em como torná-la mais fácil, mas até agora não tenho nenhuma ideia.

Uma coisa seria uma direção eleita por um congresso de mil pessoas, e outra coisa é uma eleição que consolida uma presidência, com a presença de duzentas mil pessoas, insisto, em um país onde a esquerda tem mais de um milhão de votantes. Esse organismo funciona a cada três meses, na plenária nacional da Frente Ampla, o organismo de maior força política, depois do Congresso.

O Congresso se realiza a cada cinco anos. Um organismo semanal é a Mesa Política Nacional da Frente Ampla, que resolve todas as questões cotidianas, e há também uma Secretaria que só pode resolver por consenso, que também funciona uma vez

por semana. Reúne-se um grupo menor, para ser mais rápido. Essa estrutura é para um país de três milhões de uruguaios. A estrutura do Morena é similar.

Mas vocês têm de pensar para milhões de pessoas.

Para o Uruguai, funciona muito bem, mas temos a precaução de sempre mencionar que vivemos em um país muito pequeno, e que essas experiências podem funcionar e ser transferidas a outros países, desde que sejam adequadas às diferentes realidades.

Outra coisa fundamental: saber o que nossos votantes estão pensando em temas mais vitais, como a questão da riqueza, pobreza infantil, saúde mental, salário dos trabalhadores. Também temos de saber como pensam os que não votam em nós. Se queremos que a sociedade venha para a esquerda, temos de saber onde a sociedade está no momento.

OS PARTIDOS TÊM O MESMO PESO NO PROCESSO DE DECISÃO NA FRENTE AMPLA? TODOS OS PARTIDOS QUE COMPÕEM A FRENTE?

FERNANDO PEREIRA

Todos os partidos têm representação de acordo com os votos na eleição interna. Na última eleição interna da Frente Ampla, a lista mais votada foi integrada pelo Partido Comunista, que tem três cargos na Mesa Política. Outros setores da Frente Ampla têm somente um cargo. Alguns setores

não entraram por não alcançarem o mínimo necessário para participar da Mesa Política, mas podem participar na qualidade de ouvintes mas com direito a voz. Ninguém é excluído. Somente no voto, se você não teve potência eleitoral.

PARTICIPAÇÃO DE JOVENS, MULHERES E INDÍGENAS NAS DIREÇÕES PARTIDÁRIAS

E SOBRE O ESTÍMULO À PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES E DOS JOVENS NAS DIREÇÕES PARTIDÁRIAS E TAMBÉM NO PROCESSO ELEITORAL? O MORENA TEVE UMA EXPRESSIVA ELEIÇÃO DE MULHERES E DE JOVENS. PODEM FALAR COMO ISSO ESTÁ SENDO TRABALHADO EM AMBOS OS PARTIDOS. E COMO ESTÃO INCLUÍDOS, CAROLINA, OS MOVIMENTOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E NAS AÇÕES PARTIDÁRIAS

CAROLINA RANGEL

O Movimento de Regeneração Nacional está sempre perto dos mais vulneráveis, os oprimidos pelos sistemas econômico-sociais liberais. Isso o Morena identifica muito bem e governa com políticas públicas, programas de ação e reformas constitucionais para que sejam sempre o setor prioritário.

No México e no mundo é um tempo das mulheres. Na direção do nosso partido também dizemos que é tempo das mulheres, porque temos uma dirigente mulher, a presidenta Luísa e a segunda responsável, que sou eu, Carolina. Nossa direção é muito jovem. Em média estamos entre 35 e 45 anos, somos as mais jovens em nível mundial dos partidos políticos. No nosso Comitê Executivo Nacional temos um número grande de mulheres, temos a carteira de jovens, a carteira de povos indígenas, atividades constantes com esses setores da população. No caso, por exemplo, das mulheres, temos, além do Regeneração, um outro jornal que se chama A Regeneração, onde abordamos os temas com perspectiva de gênero. Foi graças ao nosso movimento, à esquerda, que conseguimos ampliar a quantidade de estados

com descriminalização do aborto. Nos legislativos estaduais conseguimos aprovar esses direitos plenos para as mulheres. Foi graças à bancada do Morena, que Claudia Sheinbaum representa, que a reforma se viabiliza e traz as mulheres para a Constituição. Minha bisavó não votava, minha avó também não, e agora a gente pode falar sobre o voto das mulheres.

Estamos filiando as pessoas com tablets, de maneira eletrônica, e a mensagem que



Foto: redes sociais Partido Morena

a gente passa para os filiados e não filiados, se traduz para algumas línguas indígenas e de sinais. No México, temos de cumprir com políticas afirmativas em momentos eleitorais: pessoas idosas, indígenas e mulheres. Também dizemos que esses grupos são historicamente vulneráveis. Mas não queremos ser uma cota; não queremos ser apenas uma quantidade. Todas as pessoas dos setores historicamente vulneráveis, ou das ações afirmativas, podem chegar aos espaços de tomada de decisão, não só por serem desse setor. Não chegam ali por ser mulher, tem de ser uma mulher de esquerda, com um projeto, com luta, com causa. A mesma coisa para todos os outros setores. Não queremos os jovens só por serem jovens, não queremos os indígenas por serem indígenas ou LGBTQIA+. Mas por representarem uma causa, uma luta.

Temos que transitar na vida de nosso partido político no México e deixar de ser cota

para sermos atores ativos na vida pública do nosso país. Em nosso governo, tramitamos essas reformas, esses programas e as pessoas mais idosas conseguiram uma pensão, não como programa, mas como direito constitucional. E faz alguns meses que aprovamos a lei para reconhecimento dos povos indígenas e dos povos afro-mexicanos. Esse reconhecimento também implica em ir a certas comunidades para oferecer um pedido de perdão pelo uso de seu território, pela violência que eles podem ter vivido. Isso foi muito criticado no México. Vale lembrar que o México não foi descoberto, mas foi invadido, e já existia muito antes de ser invadido, muito antes da conquista. Não houve nada que tenha dado mais força ao nosso país e ao Humanismo Mexicano do que os valores dos nossos povos indígenas. Estou usando um vestido feito pelas mulheres indígenas de Michoacan, de minha terra, e tenho muito orgulho de trazer esses artesanatos dos nossos povos originários.



Foto: Genaro Servin

FERNANDO PEREIRA

Os processos são sempre complexos. Sou daqueles que acreditam que no Uruguai estamos muito perto de eleger uma presidenta mulher, mas isso tem que ser ajudado com muitas ações. A igualdade não é só assegurar que a metade da direção seja de mulheres. Isso ajuda, porque é uma ação afirmativa, mas cabe também mudar a nossa forma de sermos homens. Se nós, os homens, continuamos a nos comportar da maneira habitual é muito difícil que as mulheres tenham tempo para chegarem a ser presidentas da República. O importante é que as mulheres chegaram, suportando críticas e maus tratos dentro e fora da força política, aos lugares de poder.

Não é justo o que se pede a uma mulher para chegar a presidência de um partido ou da República. Posso sair despenteado, sem nenhum problema. Ninguém vai me criticar e mandar pentear o cabelo. Começa pelo trabalho na casa onde a gente vive, se a gente não reparte as tarefas. Na minha geração era terrível, tenho vergonha desse assunto.

Hoje, a Frente Ampla está avançando muito nesse tema. No Senado (com 30 cadeiras), a Frente Ampla vai ter dezesseis senadores agora, dos quais oito são mulheres. Isso nunca tinha acontecido na Frente Ampla. Metade dos deputados, mais ou menos, são mulheres. Só a esquerda conseguiu fazer isso no Uruguai. Até mesmo a lei da paridade, a direita não votou. Um pouco menos da metade das ministras serão mulheres. Mais ou menos a metade dos cargos do governo em ministérios vai ser de mulheres. Isso, em termos da Frente Ampla, é uma evolução gigante. Bem que queremos uma mulher para presidir o Uruguai, porque achamos que chegou o momento de as mulheres exercerem demo-

craticamente, como os homens, a função pública.

O que precisamos para mudar essa situação somos nós mesmos. Não adianta mudar os outros, temos que mudar a nós mesmos e confiar que uma mulher possa decidir. Falar, todo mundo fala e vai concordar que uma mulher governe, que a mulher possa presidir. Mas, de fato, são muito poucos os países do mundo que acabam por eleger uma mulher para presidenta. É importante botar em questão também, e mudar, a masculinidade. A masculinidade que temos é centenária. Mudar coisas desse tipo envolvem mudanças culturais. A esquerda avança com mudanças culturais, porque ou são mudanças culturais, ou não são mudanças.

Sobre os jovens, temos um grande problema e uma virtude tremenda. Dois terços dos jovens votam na Frente Ampla, mas a gente não consegue fazer com que os jovens encabecem esse processo político. A companheira Carolina falava que a direção política da Morena tem entre 35 e 45 anos. Quase tive um infarto, porque quisera eu que a Frente Ampla tivesse na sua direção política uma média de 40 anos. A verdade é que na Frente Ampla a média é de mais de 50 e na esquerda Latino Americana está acima de 50. Então, temos um problema para resolver. O que estamos fazendo, que leva os jovens a não participarem da política? Eles estão presentes no dia da marcha pela diversidade, no dia da defesa dos direitos da mulher, na marcha dos direitos humanos, na marcha ambientalista, e votam na esquerda. Mas, o que estamos fazendo para que eles não convivam nos nossos organismos?

EXPERIÊNCIAS EM GOVERNOS LOCAIS, MILITÂNCIA POLÍTICA NO TERRITÓRIO

VOCÊS TÊM UMA EXPERIÊNCIA, QUE É DO GOVERNO DE MONTEVIDÉU, QUE, DESDE 1990, A FRENTE AMPLA ESTÁ GOVERNANDO. VOCÊ PODE FALAR POR QUE ISSO ACONTECE LÁ E O QUE FOI QUE OCORREU EM 2019, QUANDO A FRENTE AMPLA PERDEU AS ELEIÇÕES NACIONAIS. MANTEVE MONTEVIDÉU E TEVE UMA DERROTA PRESIDENCIAL EM 2019. SEI QUE DEPOIS VOCÊS FIZERAM UM GRANDE MOVIMENTO PELO PAÍS, VIAGENS, CARAVANAS E RECONQUISTARAM AGORA COM O YAMANDÚ.

FERNANDO PEREIRA

Temos experiências de sucesso como a de Montevideú. Pelas pesquisas, vamos ganhar de novo, agora, e com isso conseguiremos 40 anos consecutivos de governo de esquerda na capital, onde vivem 45% dos uruguaios.

É possível governar com técnicos, sim, com pessoas preparadas para o exercício da aplicação de políticas públicas. Mas, para manter o governo, é preciso fazer política. Quando se deixa de fazer política, a derrota é certa.

O que aconteceu conosco, com 65% de aprovação e perdemos? Qual é a resposta? Não fizemos política! Governamos para as pessoas, mas não governamos com as pessoas. As pessoas têm de saber que cada obra muda a cidade, têm de gostar da cidade em que vivem, conhecer a tradição de seu estado, de sua cidade.

Pergunto a vocês, que moram no Rio: qual a escola de samba de vocês? Quem responder que não tem nenhuma, não tem chance de fazer política. Política também é entender as origens dos povos, as tradições populares. E também o mano a mano que a Carolina falava, da luta diária, permanente. E fazemos a luta diária em Montevideú e, agora, vamos ganhar Canelones, que já governamos há 20 anos, vamos chegar a 25 anos também, com política permanente. O governo faz obras, mas os militantes políticos saem para explicar o porquê e para quê; e como vai se pagar, em que se gasta os impostos, e as pessoas têm essa percepção, que lhes dá confiança na esquerda.



Foto: redes sociais Frente Ampla Uruguai



Foto: ZO Guimarães

Quando a gente perdeu a eleição em 2019, tínhamos um divórcio enorme com o movimento sindical, com as organizações sociais, um divórcio importante com os militantes partidários da Frente Ampla. Ninguém se apaixonou desse jeito. Tem gente da Frente Ampla que quis votar de qualquer maneira, e votou. Mas precisamos ter um eleitorado crítico, que não vota na Frente Ampla de qualquer forma. Isso exige fazer política. Quando não fizemos política, perdemos a eleição.

Os companheiros do PT bem sabem. Com o apoio ao Lula, com toda a mobilização, foi possível que o PT chegasse em condições de ganhar a eleição. Se tivesse ficado esperando a libertação do Lula, cada um na sua casa, não teria chegado. Nem com o Lula. Os partidos, fazendo política, mudam a realidade. O processo do Morena só é possível explicar por uma mobilização desse volume. São 300 seções, que se organizam de acordo com os filiados. Cabe atender os que querem estar filiados e os que querem ser organizadores. Na Frente Ampla, a mesma coisa: 40 mil querem ser organizadores e 460 mil querem falar com sua família. Cada uma dessas ações políticas vale. Mas, acima de tudo, é impor-

tante falar com as pessoas como a Frente Ampla fez, mas também governar com as pessoas e não para as pessoas.

Se operamos cem mil uruguaios de glaucoma e catarata e ninguém sabe, ninguém fez política. Se cada criança uruguaia tem um computador em sua casa, que o governo ofertou de graça, e algum uruguaio não sabe, é porque não fizemos política. Se construímos um sistema nacional integrado, pelo qual, hoje, a totalidade dos uruguaios chega ao sistema de saúde, e ninguém sabe, é porque não fizemos política. Fazer política não é só gerir bem o governo. É conversar com as pessoas sobre essas mudanças estruturais, sanitárias, da matriz energética.

Quando uma criança ganha um computador ocorre mudança na matriz da educação, entra a obrigatoriedade de 4 ou 5 anos, muita gente não viu. Ou viu como ação natural do governo. Nunca antes, no Uruguai, se investiu tanto dinheiro nas pessoas menos favorecidas. Ou seja, quem voltou a votar na gente foram os menos favorecidos. Retribuíram com o voto porque fomos lá conversar com eles. Não é ganhar ou perder as eleições, é ter uma vida política permanente.

O QUE É O HUMANISMO MEXICANO

QUAL FOI O PROCESSO DE DECISÃO QUE LEVOU O MORENA A FUNDAR UMA NOVA TENDÊNCIA POLÍTICO-ECONÔMICA CHAMADA HUMANISMO MEXICANO E NÃO SE VOLTAR À DISPUTA DO SOCIALISMO?



Foto: Alex Wolf

CAROLINA RANGEL

Andréas Manuel, de início, lançou um livro que se chamava Economia Moral. Mostrou que o modelo econômico que existia, o neoliberal, era imoral porque a pobreza que existia no México era imoral. Passamos a desenvolver ações como políticas públicas e falamos em diferentes frases o significado de nascer pobre. Claudia Sheinbaum fala em prosperidade compartilhada.

Nos velhos tempos do neoliberalismo que

o México viveu, pensava-se que, se o de cima tinha, pingava para os de baixo e permeava todo mundo. Mas não é assim. Agora, colocamos o contrário. Uma pessoa da comunidade, de um povo distante, recebe seu direito a uma pensão, vai à loja, consome, reativa a economia.

Há muitos municípios aonde chegam mais recursos, graças aos programas de bem-estar, do que o próprio orçamento municipal. Isso ativou as economias locais. O Humanismo Mexicano não deixa de olhar para os tipos de modelos econômicos existentes. Não vamos fundar do zero, mas

sim, modificar a maneira de administrar os recursos públicos. Não podemos esquecer que, quando um governante está nesse espaço, se torna um administrador de recursos públicos e deve administrá-los para que sejam equitativos e dar tudo a todos.

O Humanismo Mexicano se baseia em atender àqueles que menos têm, em atendê-los através de direitos e não de compra da sua vontade, sem lucrar com a pobreza mas atendendo suas necessidades, gerando direitos plenos, conquistados através da Quarta Transformação, para que as pessoas continuem participando, votando no Morena. No começo, falei sobre a Revolução das Consciências, mas não somente porque você recebe uma bolsa e, sim porque o modelo político mudou. Dessa forma, começamos com uma economia moral, que Manuel define no seu livro *Em Direção A Uma Economia Moral*. Moralizar o processo econômico.

Os economistas no México são malvistas porque costumam ser de direita. Não só no México, mas em muitos lugares do mundo. Os economistas são mais de direita, limitados em sua visão social. Mas, também há economistas de esquerda, como eu. Então, como economista de esquerda e de luta, compreendo o Humanismo Mexicano através de obras concretas como o Trem Maia (ferrovia inaugurada parcialmente em 2023, ligando Cancún a Chiapas, com extensão de 1500 quilômetros e custo próximo a trinta bilhões de dólares, sem participação privada de nenhum tipo, sendo construída pelo Exército). O mesmo com a Refinaria de Duas Bocas (a maior obra de infraestrutura em quatro décadas), com os aeroportos como o de Felipe Angeles. Obras que aproximam o turismo dos setores mais vulneráveis e também aproximam

shows, cultura, lazer. O lazer, o acesso à diversão, também é um direito.

Temos um sistema nacional para cuidar das pessoas cuidadoras, as pessoas que cuidam de seus filhos, de uma pessoa doente, ou que exija cuidados. Também serão acompanhadas. Temos uma pensão para as mulheres entre 60 e 64 anos, porque dedicaram a vida a cuidar de alguém, cuidar dos filhos, dos pais. Infelizmente sempre se pensava que o cuidado era um trabalho só para as mulheres.



Foto: redes sociais Partido Morena

O Humanismo Mexicano prioriza aqueles que menos têm, mas, definitivamente, também beneficia os grandes empresários. Não há um divórcio entre o governo e os setores empresariais, trabalhamos em conjunto, governo, empresas e setores empresariais, unindo os dois. Você pode construir um Trem Maia com a força trabalhista do Exército, das Forças Armadas, mas também pode construí-lo com empresas privadas. Não há um divórcio, separação e briga, mas primeiro priorizamos contratar pessoas da própria localidade, utilizar recursos e programas mais acessíveis ao povo e, em grande medida, beneficiar de baixo para cima e não de cima para baixo.

RELIGIÃO E POLÍTICA

COMO SE REFLETEM OS MOVIMENTOS RELIGIOSOS, AS RELIGIÕES, NOS PROCESSOS POLÍTICOS DO MÉXICO E DO URUGUAI?

CAROLINA RANGEL



Foto: redes sociais Partido Morena

O povo do México é muito religioso, guadalupanos, como dizemos (referente à Virgem de Guadalupe). Mas assim como nos tempos de Benito Juárez, a Igreja e o governo se separaram agora. Separamos os interesses econômicos do governo, mas os movimentos religiosos, embora nosso povo seja muito religioso lideram movimentos à direita. As mulheres, por exemplo, buscam através da religião ou setores religiosos, mesmo nas missas, indicar que a esquerda, que nosso movimento – o 4T – é ruim. Costumam associar a uma coisa ne-

gativa. Nos processos eleitorais, as igrejas buscam incidir ou falar com seus fiéis sobre um processo de direita, um governo de direita, que é o mais conveniente para eles.

Mesmo assim, embora haja uma clara divisão entre governo e religião nossa atitude sempre foi de muito respeito, de um chamado fraterno para poder falar com as pessoas, com seus fiéis, sobre religião, mas não, necessariamente, sobre tomada de decisões políticas, porque é preciso respeitar o livre pensamento, o livre arbítrio, e se você vai a uma igreja é para falar de religião, e se você vai a um foro político é para falar de política e, não misturar as coisas. Buscamos essa separação para evitar que a direita utilize a religião para levar o povo e o México para votar ou tomar decisões políticas mais à direita. Nos estados ou nas regiões do México onde o aborto ainda é crime é porque as igrejas estão mais fortes no povo, na sociedade. As próprias autoridades, os deputados, governadores, temem aprovar alguma reforma que gere mais direitos para as mulheres, ou para a população. Não somente a questão do aborto, mas a questão também dos casamentos igualitários, dos casais homo parentais que podem adotar filhos. Isso é malvisto em algumas regiões, mas quase sempre por influência da religião, não por influência política.

CAROLINA RANGEL

Sou cristão e gostaria de utilizar a frase de um ateu uruguaio, um dos três principais intelectuais do Uruguai, Eduardo Galeano: “o Uruguai é o país mais laico do mundo, graças a Deus”. A esquerda tem de entender alguns valores do humanismo cristão, sem os quais se perde uma parte da história. Um padre uruguaio, Perez Aguirre, dizia que aqueles que praticavam a fé, tinham de dar sentido à vida, criar um filho, fazer teatro, administrar as causas dos mais fracos, dos mais frágeis, estar aqui, dar sentido à vida é escrever um conto, é fazer coisas que nunca serão públicas. Dar sentido à vida são valores inerentes à condição das pessoas, sejam religiosas ou não.

Temos o preconceito de acreditar que a maioria daqueles que são de esquerda não são religiosos. E não é verdade. Metade acredita e a outra metade não acredita, e essa linha não pode nos separar. Por isso não há um debate dentro da esquerda sobre a existência de Deus. O debate da existência de Deus é um debate dentro da pessoa, da família. Não quero discutir com nenhum companheiro da Frente Ampla se Deus existe ou não. Vou discutir se os valores inscritos na penúltima Encíclica do Papa, *Laudato Si*, são de esquerda ou não. Porque, se são, acumula com a esquerda latino-americana. A última carta que o papa Francisco fez às organizações sociais do mundo, onde ele diz: “você serão militantes de causas sociais e vão ser atacados. Mas não se rendam porque vale a pena ajudar os pobres”. E todos sabemos que são atacadas as mulheres feministas, as em condição de pobreza, as ligadas à educação inicial, as ligadas ao feminismo e aos direitos humanos. Porque existe uma intenção da direita de destruir aquilo que culturalmente



Foto: ZO Guimarães

a esquerda construiu, de que ninguém se salva sozinho. Então, poder confluir, na esquerda, pessoas com pensamento cristão é fundamental na hora de construir sentido comum e bom senso.

Há posições conservadoras que não compartilho. Não me foi tirada a fé. Agora não lembro o nome do padre, mas na discussão da lei sobre gravidez, eu não era deputado, mas os deputados aprovaram. Eu não era a favor, mas levantei a mão como se votasse a favor. Na hora, esse padre veio me dizer que eu não podia ir ao templo. E eu não fui mais.

Por um lado, não quero dizer que não haja posições retrógradadas, porque claramente há. Mas também há muitos padres que praticam políticas progressistas e temos de olhar para eles. Lembro dois pensadores uruguaio cristãos: José Luís Rebellato, historiador cristão que contribuiu muito com o conhecimento sobre a ética do neoliberalismo, ou Juan Luís Segundo, que foi um teólogo de nível internacional, que deixou muitos valores e princípios que podem ser princípios de um cristão e de uma pessoa não cristã. Nós também deveríamos ter a cabeça aberta para não sermos conservadores.

QUAL A MENSAGEM QUE VOCÊS DEIXAM PARA O PT? COMO PODE ESSE PARTIDO DE 45 ANOS BUSCAR A SUA RENOVAÇÃO DE QUADROS, OUSAR NA SUA FORMA DE ORGANIZAÇÃO. COMO VOCÊS VEEM O PT DE ONDE VOCÊS ESTÃO E QUE RECADO NOS DEIXARIAM?

CAROLINA RANGEL

Quero agradecer muito. Andrés Manoel e Claudia também sempre tiveram um grande carinho por Lula. Para nós, o PT e o Lula sempre foram uma referência e nos formamos dentro dessa luta da esquerda latino-americana. No aspecto formativo, não como dirigente do Morena, mas como Carolina Rangel, estou muito feliz de estar aqui com vocês e levo uma experiência de vida para compartilhar com meu país. Eu não vim compartilhar apenas o que o Morena faz, mas também levo muitas experiências e muita aprendizagem para meu partido, que é jovem, um partido que não pode só beber dos louros, e tivemos várias derrotas antes de sermos um partido político. Mas também devemos ver como administrar a abundância das experiências latino-americanas. A maior recomendação

é uma frase que sempre dizemos: “Com o povo, tudo, sem o povo, nada!”

É uma maneira de lutar e que também lutemos nas esquerdas, façamos o nobre ofício da política do serviço público. Também é uma forma de vida. É uma alegria dedicar nossa vida à transformação e à luta dos nossos povos e à transformação da realidade de nossos países. Estaremos juntos, sempre à disposição através do Morena para compartilhar a aprendizagem. Estamos geograficamente a várias horas de avião, mas juntos nas políticas e nas lutas. Essa é a principal tarefa: não se afastar do povo, das causas justas aqui no Brasil, no México e no Uruguai. Que viva a América Latina unida!



Foto: Sérgio Silva



Foto: Sérgio Silva

FERNANDO PEREIRA

Admiro o PT e outras organizações brasileiras como a CUT e outras centrais sindicais com as quais tive laços. Aprendemos muito com o PT e continuamos aprendendo. Mas temos batalhas que são culturais e temos que lutar de forma coletiva. Falei que as mudanças são culturais ou não são mudanças. Hoje, se um presidente de direita quiser dar um computador para cada criança, toda a sociedade uruguaia protestaria e não seria possível fazer isso. É uma mudança cultural. Se um governo de direita quisesse, hoje, mudar o sistema de saúde, não poderia, não conseguiria, porque isso é uma mudança cultural. Se um presidente de direita quisesse tirar os mais ricos, teria uma resistência. Uma mudança que não podemos permitir é que a direita ataque os sindicatos e os enfraqueçam, e os partidos de esquerda não podem se

distrair. Temos de proteger os movimentos sociais porque sem gente organizada não existe força de esquerda. Pode haver testemunhos, egos, mas não há política transformadora. Confio muito que continue havendo governo de esquerda e desejo, pela importância para nós do Uruguai, mas, principalmente pela importância para a América Latina, que tanto o Brasil quanto o México tenham a esquerda governando por muito tempo.

Quando a esquerda governa, as pessoas vivem melhor; há preocupação maior com os pobres; se luta pelos pobres. Abrimos escolas, universidades, cinemas, teatros. Quando há direita, há retrocesso. Podem contar conosco para o que precisarem. E tomara que a próxima presidenta seja uma companheira que ganhe aqui.